

# Vocalizações parecidas entre o Carijozinho *Lochmias nematura* Lichtenstein, 1823, e o Vira-folhas *Sclerurus scansor* Ménétriés, 1835, Passeriformes: Furnariidae, Viçosa, Minas Gerais, Brasil.

Alberto Resende Monteiro \*  
Geraldo Theodoro de Mattos \*\*

**Resumo.** Durante os censos da avifauna da Reserva Florestal da Universidade Federal de Viçosa e mediante constantes levantamentos zoológicos da avifauna na mesma área, utilizando a técnica da zoológica, foram identificados inúmeras espécies de aves, sendo observados dois representantes da família furnariidae, cujas vocalizações apresentam grande semelhança. Durante o outono e toda primavera, considerados os grandes períodos reprodutivos para os passeriformes do Brasil, quando as aves vocalizam com muita intensidade, sendo que *Lochmias nematura* e *Sclerurus scansor*, apresentaram pautas sonoras muito parecidas, podendo causar dificuldades no momento de suas identificações. A técnica da zoológica é um recurso muito útil para a identificação da avifauna, embora dependa de um perfeito conhecimento das variações acústicas de cada espécie pelo observador.

**Palavras-chave:** vocalizações, furnariidae, passeriformes.

**Abstract.** In the birds' census at the Federal University of Viçosa Forest Reserve and during the continuous field observations in the same reserve were used the zoológica technicals to identify many species of birds. Zoológica's technical is very important to identify birds in the field but the researcher needs to know very well the different bird's songs. The autumn and spring are the more important reproductive periods of the Brazilian birds and in this time some wildbirds showed a very closed acoustic behaviour. *Lochmias nematura* and *Sclerurus scansor* are two species of the furnariidae family that sing with a great similarity. This similar acoustic behaviour could bring some difficult to identify both species in field whether the researcher does not have a very good knowledge about the songs of those species.

**Key words:** sounds, furnariidae, passeriformes.

## 1. INTRODUÇÃO

Durante o final do outono e toda a primavera, as aves têm o hábito de vocalizar com muita intensidade, proporcionando um espetáculo sonoro de rara beleza. Tal comportamento deve-se ao fato de que, nessas épocas do ano, os casais estão se preparando para dar seqüência aos processos reprodutivos, tendo como principal estímulo o desenvolvimento gonadal e a liberação dos respectivos hormônios da reprodução (SICK, 1984). Nessas ocasiões, as manifestações sonoras surgem com inúmeras variações de cada espécie, principalmente dos machos, com o objetivo de formar os respectivos casais. Entretanto, não somente durante o outono e primavera,

como também no verão e inverno, as vocalizações podem ser ouvidas em diferentes intensidades. O conhecimento destas vocalizações e suas variedades, também conhecido como zoológica, permite a identificação com segurança das espécies aladas, que ocorrem em diferentes regiões e em qualquer época do ano (SICK, 1979, e MONTEIRO, 1992).

## 2. MATERIAL E MÉTODOS

A Mata do Paraíso é uma Reserva Florestal da Universidade Federal de Viçosa, localizada na microrregião de Viçosa entre as coordenadas 20°45'S e 42°7'WGr a 5 km SE da cidade de Viçosa (MG). Nesta reserva, podem ser observadas e identificadas mais de 187 espécies de aves, entre passeriformes e não passeriformes, com um predomínio dos não passeriformes, que se distribu-

\* Professor da UNIVAP.

\*\* Técnico do Ministério da Agricultura - Viçosa - MG.

em em aproximadamente 200 ha (MONTEIRO e MATTOS, 1984). Os trabalhos de levantamento sistemático da avifauna da Mata do Paraíso foram realizados, em sua maioria, através da aplicação da técnica zoológica, que permitiu a identificação das espécies de aves pelas suas emissões sonoras, ainda com o uso do sistema denominado «Line Transect» segundo (MIKOL, 1980; SHEMNITZ *et al.*, 1980 e MORRISON e KENNEDY, 1989). Esporadicamente, foram utilizados gravadores Panasonic portáteis do tipo RQ-330, fitas magnéticas SONY de metal tipo «C-30» e microfones SONY direcionais tipo ECM-K100, para a gravação das vocalizações duvidosas. As emissões das gravações ocorreram «a posteriori» e na mesma área de gravação, conforme THIOLLAY (1989), pelo método «Play-Back» amplamente utilizado por FULLER e MOSHER (1981) e adaptações de MONTEIRO (1992). O «Play-Back» foi realizado, emitindo-se 3 vezes a mesma vocalização gravada, durante aproximadamente 30/40 segundos. Após um minuto de escuta e possível identificação, novas emissões eram realizadas e assim sucessivamente. Binóculos Pentax, modelo 8x30, foram utilizados nas identificações das espécies que não permitiram aproximações ou as condições do terreno não eram favoráveis.

### 3. RESULTADOS

Duas espécies de aves foram observadas vocalizando com extrema semelhança, sendo identificadas como *Lochnias nematura* e *Sclerurus scansor*, pertencentes à família Furnariidae. O vira-folhas, como é conhecida a espécie *S. scansor*, emite sons que podem ser representados pelo seguinte fraseado «siririque... siririque...» através de um tom límpido, quase metálico, em frequências muito altas, nítidas e uniformes. Por outro lado, o carjozinho, *L. nematura*, emite uma vocalização algo semelhante a «tiririce... tiririce...» que pode ser interpretada também como «siririque... siririque...», não tão definido quanto *S. scansor*, mas utilizando uma frequência bem mais baixa, todavia nítida e uniforme.

### 4. DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

As semelhanças existentes entre as vocalizações de determinadas espécies de aves podem causar grandes dificuldades no momento da identificação, principalmente durante os trabalhos de censo no campo, onde somente com muita prática é possível diferenciar e identificar com absoluta segurança. Para sanar tais dúvidas, são necessárias comparações entre as diferentes vozes das espécies em estudo, através do emprego de gravações feitas no campo, em diferentes períodos do ano. Segundo (FULLER e MOSHER, 1981; MONTEIRO, 1992) o método «Play-Back» é muito importante, ainda mais durante os períodos reprodutivos, quando muitas espécies permanecem muito tempo escondidas no inte-

rior das matas (MONTEIRO, 1992). Esta técnica, permite que sejam repetidas diferentes vocalizações, em várias regiões ao longo do ano, «forçando» as aves estudadas a procurar o som emitido, facilitando a identificação (MONTEIRO, 1992). As emissões sonoras das aves, por constituírem-se um importante caráter taxonômico, sempre devem ser utilizadas em pesquisas de identificação (SICK, 1979; MOSHER *et al.*, 1990). Muitas aves ainda jovens demonstram ter necessidade de ouvir outros representantes da sua própria espécie para serem estimuladas ao canto, como ocorre frequentemente com o Curio *Oryzoborus angolensis*. Os ninhegos (ave jovem) deste fringílido poderão ter seus padrões normais de canto modificados, pelo simples fato de ouvirem outras espécies vocalizando. Desta forma, ao iniciarem seus ensaios vocais, poderão emitir notas muito parecidas às existentes em seus bancos genéticos (SICK, 1984). Alguns trabalhos demonstram que aves jovens e criadas isoladamente de qualquer emissão sonora podem armazenar informações acústicas durante os três primeiros meses de vida, se outras espécies forem mantidas muito próximas a elas, durante esta fase inicial da vida (SICK, 1984). Todavia, passados esses meses críticos, já não são mais sensíveis a este tipo de treinamento, vocalizando como sua própria espécie e na época adequada (SICK, 1979). O canto das aves poderia ser interpretado como um extraordinário entrelaçamento entre os comportamentos sonoros herdados e os aprendidos durante as fases de desenvolvimento da espécie (FREETHY, 1982). Se uma ave jovem for exposta às vocalizações de outras espécies e em seguida sua cóclea for danificada, ao iniciar seus primeiros ensaios vocais emitirá sons semelhantes aos da espécie que pôde ouvir quando jovem, inclusive algumas espécies necessitam ouvir seu próprio canto, para então modular e emitir o padrão sonoro herdado (FREETHY, 1982). Estes mecanismos ainda não são muito bem definidos, algumas espécies apresentam manifestações sonoras fortuitas, como foi observado durante as vocalizações emitidas por *L. nematura* e *S. scansor*. Tais fenômenos demandam maiores e profundos estudos sistemáticos, sobre a bioacústica da avifauna, principalmente pelo fato de que, em pequenos trechos de mata, pode residir uma ornitofauna «*sui generis*» que, ao vocalizar intensamente, permite que várias espécies jovens sejam identificadas como sendo a mesma espécie, o que não ocorre na realidade.

### 5. LITERATURA

FREETHY R. *How Birds Work - A Guide to Bird Biology*. Londres: Blandford, 1982. 231p.

FULLER, M.R., MOSHER, J.A. Methods of detecting and counting raptors: a review. *Studies in Avian Biology*, 6:235-246. 1981.

- MIKOL. Field Guidelines for using transects to sample nongame bird populations. Wyoming: Is.ed.I 1980. 68p.
- MONTEIRO, A.R. Eco-biologia de aves rapaces de bosque de la Navarra Media - España. Navarra, 406p. Tese (Doutorado) - Faculdade de Ciências. Universidade de Navarra. Espanha, 1992.
- MONTEIRO, A.R., MATTOS, G.T. Avifauna do Parque Florestal de Viçosa, Minas Gerais. *Experientiae*, v.29, n.5, p.1-13, 1984.
- MORRISON, J.L., KENNEDY, P.L. The use of line transects to evaluate by Falconiforms and Strigiforms in North America. *Journal Raptor Research*, n.14, p.79-85. 1989.
- MOSHER, J.A., FULLER, M.R., KOPENY, M. Surveying woodland raptors by broadcast of conspecific vocalizations. *Journal Field Ornithology*, v.61, n.4, p.453-461. 1990.
- SHEMNITZ, S.D. et al. Manual de Técnicas de Gestión de Vida Silvestre. 4ed. Bethesda (MD): Word Wildlife Society. 1980. 703p.
- SICK, H. A voz como um caráter taxonômico em aves. *Boletim Museu Nacional*. Nova SJrie, n.294. p.1-11. 1979.
- SICK, H. Ornitologia Brasileira. Brasília: UnB, 1984. v.1, p.43-57.
- SICK, H. Brazilian in Birds - A Natural History. Princeton University. 1994. 703p.
- THIOLLAY, J.M. Censusing of diurnal raptors in a primary rain forest: comparative methods and species detectability. *Journal Raptor Research*. n.23, p.72-84. 1989.

# Taxa de Ocupação de Caixas-ninho por Aves Silvestres nos Municípios de Monteiro Lobato (Sítio Angico Branco) e São José dos Campos (Urbanova / Universidade do Vale do Paraíba) - SP

Carlos Eduardo Bustamante Portes \*  
Alberto Resende Monteiro \*\*

**Resumo.** A perturbação antrópica tem sido a responsável pela falta de habitat adequado para o processo de reprodução das aves silvestres. A instalação de caixas-ninho possibilita uma alternativa para o sucesso reprodutivo das aves, contribuindo para a perpetuação das espécies. O trabalho se desenvolveu em duas áreas onde este efeito antrópico é diferenciado, permitindo verificar os efeitos desta perturbação sob a nidificação das espécies nas áreas de estudo.

**Palavras-chave:** caixas-ninho, reprodução, passeriformes.

**Abstract.** The antropic disturbance has been the responsible for the wild birds to chose environment, during the development of the reproduction. The nest-boxes are an alternative to minimize environment impacts that have been affecting the reproductive success of several bird species. This project has developed in the "Campus Urbanova" of the "Universidade do Vale do Paraíba" and in the "Angico Branco" farm - Monteiro Lobato region, both closes to São Paulo City. The human interference is responsible by the different effects on the both ecosystem. A major occupation of the nest-boxes in the "Angico Branco" farm than in the second studying area during the reproductive process was diserved.

**Key words:** nest-boxes, breeding, passeriformes.

## 1. INTRODUÇÃO

A história da civilização humana foi caracterizada pelo saqueamento de recursos naturais, com pequena ou nenhuma consideração sobre o valor da vida natural (Phillipps, 1998). Ninhos artificiais estão sendo cada vez mais utilizados, devido à perda excessiva do habitat natural (Sharon, 1996). Locais para nidificação são criticamente "estudados" pela maioria das aves durante a estação reprodutiva (Gandini *et al.*, 1999). Caixas-ninho são de grande importância no que diz respeito à rotação para as aves, que, durante a nidificação e desenvolvimento, sofrem diferentes tipos de pressões, tais como a industrialização, urbanismo, práticas agrícolas, ausência de habitat natural e ação antrópica (Du Feu, 1993). A instalação de ninhos artificiais pode representar uma alternativa para os estudos durante o processo reprodutivo e o conseqüente aumento das populações. Não é uma prática utilizada apenas em aves, mas também aplicável a mamíferos e alguns invertebrados (Du Feu, 1993).

\* Aluno do Curso de Ciências Biológicas da UNIVAP.

\*\* Professor da UNIVAP.

## 2. ÁREAS DE ESTUDOS E METODOLOGIA

No campus Urbanova da Universidade do Vale do Paraíba (UNIVAP) - Fazenda do Poço (23°11'25"S - 45°53'03"W), foram catalogadas aproximadamente 156 diferentes espécies de aves (com. pes. Lencioni, 1999), onde a cobertura vegetal da área é constituída basicamente de vegetação rala com árvores nativas isoladas. Neste ambiente, encontra-se um remanescente de Mata Atlântica do tipo floresta estacional semidecidual aluvial (com. pes. Fiorini, 2000), com aproximadamente 34ha de área. O Sítio Angico Branco ocupa uma área de aproximadamente 8ha, localizado no Município de Monteiro Lobato (22°49'29"S - 45°40'00"W), apresentando resquícios de mata subtropical ombrófila mista altamontana (com. pes. Morelli, 1999), com alta diversidade de aves, onde 104 espécies foram identificadas até o momento (com. pes. Reichen e Costa, 1999). As caixas-ninho devem estar no campo antes do período reprodutivo, pois algumas espécies de aves são territorialistas, necessitando definir suas áreas de nidificação e caça (WildBirdKalamazoo, 1999), além da necessária aceitação do sistema "caixa-ninho". Em 5 de agosto/99, no

Campus Urbanova, e em 13 de agosto/99, no Sítio Angico Branco, foram colocadas respectivamente 9 e 16 caixas-ninho (Foto 1 e 2), à mesma altura do solo e com a face frontal (orifício de entrada) orientada para o nascer do sol, além de serem numeradas e identificadas em função de seus tipos e tamanhos: Tipo A: 3,00 x 15,00 x 13,00cm (largura/altura/profundidade) e 3,40cm de diâmetro de entrada; Tipo B: 13,00 x 20,00 x 13,00cm e 3,00cm de diâmetro; Tipo C: 16,00 x 25,00 x 16,00cm e 3,60cm de diâmetro e Tipo D: 16,00 x 31,00 x 16,00cm e 4,60cm de diâmetro. As visitas de verificação ocorreram semanalmente às sextas-feiras, por volta das 14 horas, para observar a ocupação ou vestígios de possível ocupação, dados estes tabulados em uma planilha de campo (Apêndice I).

### 3. RESULTADOS

Foram colocadas nove (9) caixas-ninho no campus Urbanova, sendo que 3 (três) caixas apresentaram vestígios de ocupação em função de ramos ou gravetos encontrados em seu interior. As caixas de número 2 do tipo A e 19 do tipo D apresentaram vestígios de ocupação, sendo que a caixa de número 9 do tipo C apresentou postura, após a décima semana da data de colocação das caixas-ninho (05/08/99). Nesta caixa foi observada a presença da Curruira, *Troglodytes aedon*, com postura e posterior predação de forma indeterminada, o que motivou o abandono da respectiva caixa. A espécie em questão passou a ocupar a caixa de número 19, reiniciando a preparação do ninho, sem, contudo, concluir o processo de nidificação. Foram colocadas 16 caixas-ninho no Sítio Angico Branco, sendo que duas (2) do tipo A; uma (1) do tipo B; quatro (4) do tipo C; duas (2) do tipo D apresentaram vestígios de ocupação (presença de ramos em seu interior), após a 6ª e 7ª semanas da data de colocação (13/08/99). A caixa de número 17 tipo D (Sítio Angico Branco) apresentou ocupação com formação de ninho e postura de três (3) ovos, por um casal de Maria-cavaleira, *Myiarchus ferox*. Após o período de incubação, observou-se a eclosão dos três ovos, sendo que ao final do período de desenvolvimento os filhotes abandonaram o ninho artificial em perfeitas condições. A caixa de número 4 do tipo C apresentou postura com quatro (4) ovos de *T. aedon*, atingindo o sucesso reprodutivo da mesma forma que em *M. ferox*. A caixa de número 13 do tipo C apresentou postura com cinco (5) ovos de *T. aedon*, como o desenvolvimento total de quatro filhotes. A caixa de número 11 tipo C apresentou vestígios de ocupação, entretanto, foi tomada por uma colônia de formigas, inviabilizando o processo da nidificação. Analisando as caixas com vestígio de ocupação ou de total ocupação, observa-se uma preferência, conforme demonstrado na Tabela I.

### 4. DISCUSSÃO

A falta de locais apropriados para nidificação limita a proliferação das aves silvestres (Phillipps, 1998).

Desde 1998, uma parte do Campus Urbanova (Fazenda do Poço) vem sofrendo constantes impactos ambientais (desmatamento). Esses impactos, principalmente de origem antrópica, provocaram o desaparecimento de sítios adequados para a nidificação de diferentes espécies de aves e a escassez de alimentos, condições mínimas e essenciais para a reprodução da avifauna (SEMA, 1987). As localidades definidas para a colocação das caixas-ninho, no Campus Urbanova, distam aproximadamente 500m de um fragmento de Mata Atlântica, sob permanente conservação, onde se concentra atualmente a maior diversidade de aves observadas neste ambiente. As aves que antes residiam e nidificavam nesta área parecem não mais encontrar condições para a reprodução, em função da constante pressão antrópica, mesmo contando com a opção das caixas-ninho. Em função das perturbações, principalmente humanas, ocorridas próximas a estas caixas-ninho, o número de espécies silvestres apresenta-se baixo, o que coincide com SEMA, 1987. Segundo Phillipps (1998), isto se deve à perda dos locais tradicionais para nidificação, o que pode colocar em risco determinadas espécies ou levá-las à extinção. De acordo com Du Feu (1993) nem sempre as caixas-ninho são utilizadas no primeiro ano pelas espécies, o que foi observado parcialmente no Campus Urbanova, mas não coincide com o observado no Sítio Angico Branco, onde há grande disponibilidade de alimento e diversidade de espécies de aves silvestres, quando comparado à primeira área. Estando localizado em ambiente rural, o Sítio em questão parece não sofrer as conseqüências das perturbações ambientais, que possam comprometer o comportamento da avifauna local. Tais fatos justificam os vestígios de ocupação (ramos e gravetos) e total ocupação (ninho e postura) encontrados de acordo com os comentários de WildBirdKalamazoo (1999): "Habitat adequado é o fator primordial para se obter êxito na utilização das caixas-ninho".

### 5. CONCLUSÃO

Durante a estação reprodutiva (Agosto a Outubro) de 1999, somente três (3) caixas-ninho colocadas no Campus Urbanova apresentaram vestígio ou total ocupação pelas aves locais. No Campus Urbanova, somente em uma caixa-ninho ocorreu postura, na qual não foi observado sucesso reprodutivo em função da predação. A destruição do ambiente natural, baixa disponibilidade de alimento e o constante efeito antrópico, parece terem sido as principais causas da baixa nidificação observada nas caixas-ninho do Campus Urbanova. O Sítio Angico Branco sofreu menos influências antrópicas, apresentando maior oferta de alimento e abundância de espécies, o que parece justificar o maior número de caixas-ninho (9) com vestígios (gravetos/ramos) e a total ocupação (ninho/postura) de (3) caixas com o conseqüente sucesso reprodutivo das espécies *Myiarchus ferox* e

*Troglodytes aedon*. As caixas-ninhos permanecerão nas respectivas áreas de estudo, na expectativa de apresentarem uma maior taxa de ocupação pela avifauna de ambas localidades.

Tabela 1 - Taxa percentual de ocupação dos tipos de caixas-ninho

Local	Tipo	No. de caixas	% de caixas ocupadas por Tipo	% de caixas não ocupadas por Tipo	% total de caixas ocupadas	No. de posturas por tipo de caixa	% de sucesso reprodutivo	Espécie
Angico Branco	A	4	50	50	12,50	-	-	-
Angico Branco	B	3	33,34	66,64	6,25	-	-	-
Angico Branco	C	5	80	20	25	9	88,88	<i>Troglodytes aedon</i>
Angico Branco	D	4	50	50	12,50	3	100	<i>Myiarchus ferox</i>
Campus Urbanova	A	3	33,34	66,64	11,11	-	-	-
Campus Urbanova	B	2	0	100	-	-	-	-
Campus Urbanova	C	2	50	50	11,11	1	0	<i>Troglodytes aedon</i>
Campus Urbanova	D	2	50	50	11,11	-	-	-

#### APENDICE I

##### Modelo de planilha de campo contendo dados reais

Local: Sítio Angico Branco Hora: 10:00 a.m. data: 07/11/1999

Caixa no.	Tipo	Não ocupada 0	Ocupada 1	Vestígio de ocupação 1	Postura/ no. de ovos	Sucesso reproduzido no. de filhotes (%)
03	B	0				100
04	C		1		4	
08	D			1		
11	C	0				
12	C			1		
13	C		1		5	80
14	C	0				
17	D		1		3	100
18	D	0				
20	D			1		
23	A			1		
24	A			1		
25	A	0				
26	A	0				
28	B			1		
31	B	0				

Obs: A caixa de número 11 apresentou ocupação por formigas.

Local: Campus Urbanova Hora: 11:00 a.m. data: 17/11/1999

Caixa no.	Tipo	Não ocupada 0	Ocupada 1	Vestígio de ocupação 1	Postura/ no. de ovos	Sucesso reproduzido no. de filhotes (%)
1	A	0				
2	A			1		
5	B	0				
6	C	0				
7	D	0				
9	C		1		1	0
19	D			1		
22	B	0				
30	A	0				



**Foto 1 - Caixa-ninho colocada no Campus Urbanova - Universidade do Vale do Paraíba -  
Município de São José dos Campos - SP**



**Foto 2 - Caixa-ninho com vestígios de ocupação no Sítio Angico Branco -  
Município de Monteiro Lobato - SP**

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DUFEU, C. R. NestBoxes. BTO Guide 23. British Trust for Ornithology. Thetford. 1993.

GANDINI, P., FRERE, E., BOERSMA, D. – Nest concealment and its Relationship to Predation and Reproductive Success in the Magellanic Penguin at its South-Most Continental Colony. Ornithology Neotropical, v.10, n.2, p.145-150, 1999.

PHILLIPPS, H. - Birds Australia Nest © Cameron Williams and Birds Australia/RAOU.1995-1998; <http://home.vicnet.net.au/~birdsaus/infosheets>. 1998.

SEMA - Secretaria Especial do Meio Ambiente. Desen-

volvimento Econômico e IMPACTO AMBIENTAL em Áreas de Trópico Úmido Brasileiro- A experiência da CVRD. Anais do Seminário 1987. Rio de Janeiro.

SHARON, D. - Wildlife in MY Back yard: Part 4. Nest Boxes and Shelves, v.43, n.1, 1996

WildBirdKalamazoo. 1999  
<http://www.wildbirdkalamazoo.com/nestboxes.html>

### Agradecimentos.

Deixamos nossos sinceros agradecimentos a Glaíco Costa e Béatrice Reichen, proprietários do Sítio Angico Branco, localizado no município de Monteiro Lobato (SP), em função do incondicional apoio que nos dispensaram para o desenvolvimento do presente trabalho.

# Diversidade e Distribuição das Aves no Campus Urbanova da Univap - Universidade do Vale do Paraíba, São José dos Campos/Jacareí

Frederico Lencioni Neto \*

**Resumo.** A composição da comunidade de aves do Campus da UNIVAP- Universidade do Vale do Paraíba foi investigada de 1994 a 1999. Um total de 156 espécies foram registradas e o objetivo desse trabalho é investigar a composição, diversidade e as relações espaciais das aves do Campus Urbanova.

**Palavras-chave:** comunidade de aves, diversidade.

**Abstract.** Bird community composition was investigated in University Campus – Universidade do Vale do Paraíba from 1994 to 1999. 156 species of birds were registered and the purpose of this paper is to investigate the composition, diversity and the spatial relation of the avifauna in the Campus Urbanova.

**Key words:** birds community, diversity.

## INTRODUÇÃO

A implantação do Campus da UNIVAP- Universidade do Vale do Paraíba, no Bairro Urbanova, localizado entre os municípios de Jacareí e São José dos Campos oferece uma oportunidade ímpar para o estudo de comunidade de aves. Uma área que apresentava antes da ocupação um mosaico de pequenos ambientes naturais intactos, passa, a partir da ocupação, a apresentar uma série de alterações. A urbanização da área, com a construção de prédios, jardins com plantas exóticas, alterações na iluminação natural, tráfego de veículos e a presença humana constante, altera sobremaneira a estrutura natural da comunidade ornitológica. Desta forma, é importante esta análise da ornitofauna e seu monitoramento ao longo de todo processo de implantação da urbanização como parâmetro para estudos posteriores das causas que interferem na biodiversidade de uma área a ser ocupada pelo homem.

As aves dependem, para sua sobrevivência e permanência em determinada área, de três fatores primordiais: **áreas de alimentação, áreas de proteção e áreas de reprodução.** A inter-relação entre estes fatores assegura a presença de muitas espécies e possibilita a atração de outras. Isto, não ocorrendo, gera um fator limitante ao aparecimento e permanência de espécies novas nas áreas urbanizadas: quando são atraídas não permanecem mais do que alguns dias. O estudo das

espécies de aves na área do Campus Urbanova foi iniciado em 1994 e todos os ambientes foram percorridos para termos dados da diversidade da área e das relações entre a presença da espécie e o ambiente.

## ÁREAS DE ESTUDO, MATERIAIS E MÉTODOS

O Campus Urbanova (23° 11'S e 45° 53'W) é composto, na sua maioria, de áreas de pastagens, locais onde estão os edifícios e estacionamentos, gramados, reflorestamento com árvores nativas, viveiros de criação de aves e mamíferos exóticos, uma região com lagos artificiais, vários açudes, áreas de esporte e lazer e uma mata remanescente com características de Mata Secundária, pela presença de muitas lianas e tranqueiras depositadas no solo.

A observação foi feita percorrendo todos os ambientes citados e registrando todos os indivíduos encontrados. A identificação se faz através do reconhecimento visual, com binóculo 7 x 35mm e pela análise das vocalizações. Os sons foram registrados em fita magnética de rolo, com velocidade de 19 cm/s, com gravador UHER 4000 Report S, com parábola e estão depositadas na coleção particular do autor. Muitas das espécies foram observadas nas aulas práticas de Trabalho de Campo em Biologia, realizadas semanalmente com os alunos de Ciências Biológicas. Desta forma, todos os setores foram analisados em todos os períodos sazonais.

\* Professor da UNIVAP.



FAMILIAS E ESPECIES	AREA	AMBIENTE
<b>FALCONIDAE</b>		
1. <i>Herpetotheres cachinnans</i>	1/2	mata/campo
2. <i>Falco sparverius</i>	2/3/4/5	campo
3. <i>Falco femoralis</i>	2	campo
4. <i>Polyborus plancus</i>	2/3	campo
5. <i>Milvago chimachima</i>	2/3	campo
<b>CRACIDAE</b>		
1. <i>Penelope obscura bronzina</i>	1	mata
<b>RALLIDAE</b>		
1. <i>Rallus nigricans</i>	2/5	brejo
2. <i>Gallinula chloropus</i>	2	lago
3. <i>Porphyryla martinica</i>	2/5	lago
4. <i>Laterallus melanophaius</i>	5	lago
5. <i>Porzana albicollis</i>	5	lago
<b>CARIAMIDAE</b>		
1. <i>Cariama cristata</i>	2	campo
<b>JACANIDAE</b>		
1. <i>Jacana jacana</i>	5	lago
<b>CHARADRIIDAE</b>		
1. <i>Vanellus chilensis</i>	2/3/5	campo
<b>COLUMBIDAE</b>		
1. <i>Columba picazuro</i>	1/2/3/5	campo/mata
2. <i>Columba cayennensis</i>	2	mata
3. <i>Columbina talpacoti</i>	1/2/3/4/5	campo
4. <i>Leptotila rufaxila</i>	1	mata
5. <i>Leptotila vereauxi</i>	1	mata
<b>PSITTACIDAE</b>		
1. <i>Aratinga leucophthalmus</i>	1	mata
2. <i>Forpus xanthopterygius</i>	1/2/3/4/5	campo/mata
3. <i>Pionus maximiliani</i>	1	mata
<b>CUCULIDAE</b>		
1. <i>Piaya cayana</i>	1/2/5	mata
2. <i>Tapera naevia</i>	1/2	campo
3. <i>Crotophaga ani</i>	1/2/3/4/5	campo
4. <i>Guira guira</i>	1/2/3/4/5	campo
<b>TYTONIDAE</b>		
1. <i>Tyto alba</i>	2/5	campo
<b>STRIGIDAE</b>		
1. <i>Otus choliba</i>	1/2	campo/mata

FAMILIAS E ESPÉCIES	ÁREA	AMBIENTE
<b>TROCHILIDAE</b>		
1. <i>Phaethornis pretei</i>	1/2	campo/mata
2. <i>Melanotrochilus fuscus</i>	5	campo
3. <i>Colibri serrirostris</i>	2/3/4	campo
4. <i>Thalurania glaucopis</i>	1	mata
5. <i>Leucochloris albicollis</i>	5	campo
6. <i>Amazilia versicolor</i>	5	mata
7. <i>Amazilia lactea</i>	1/2/3/4/5	campo/mata
8. <i>Anthrocotax nigricollis</i>	4/5	a. urb./campo
9. <i>Eupetomena macroura</i>	1/2/3/4/5	a. urb./campo/mata
10. <i>Chlorostilbon aureoventris</i>	2/3/4/5	urb./campo
<b>APODIDAE</b>		
1. <i>Sireptoprocne zonaris</i>	1/2/3/4/5	todos
2. <i>Chaetura andrei</i>	1/2/3/4/5	todos
<b>ALCEDINIDAE</b>		
1. <i>Chloroceryle americana</i>	2	lago
2. <i>Ceryle torquata</i>	2	lago
<b>BUCCONIDAE</b>		
1. <i>Nystalus chacuru</i>	2	campo
<b>PICIDAE</b>		
1. <i>Picumnus cirratus</i>	1/2/5	campo/mata
2. <i>Colaptes campestris</i>	2/3/4/5	campo
3. <i>Celeus flavescens</i>	1	mata
4. <i>Dryocopus lineatus</i>	1/2/5	campo/mata
5. <i>Melanerpes candidus</i>	1/2/5	campo
6. <i>Veniliornes spilogaster</i>	1/2	campo/mata
<b>RAMPHASTIDAE</b>		
1. <i>Ramphastos toco</i>	1/2	campo/mata
<b>DENDROCOLAPTIDAE</b>		
1. <i>Lepidocolaptes angustirostris</i>	2	campo
2. <i>Lepidocolaptes fuscus</i>	1	mata
<b>FURNARIIDAE</b>		
1. <i>Synallaxis ruficapilla</i>	1/2/5	brejo/campo
2. <i>Certhiaxis cinnamomea</i>	2/5	brejo
3. <i>Phacellodomus erythrophthalmus</i>	1	mata
4. <i>Automolus leucophthalmus</i>	1	mata
5. <i>Lochmias nematura</i>	1	mata
6. <i>Furnarius rufus</i>	2/3/4	campo
<b>FORMICARIIDAE</b>		
1. <i>Thamnophilus cearulescens</i>	1	mata
2. <i>Thamnophilus ruficapillus</i>	1/2	brejo/campo

FAMÍLIAS E ESPÉCIES	ÁREA	AMBIENTE
<b>TYRANNIDAE</b>		
1. <i>Colonia colonus</i>	1	mata
2. <i>Arundinicola leucocephala</i>	2/5	brejo
3. <i>Fluvicola nengeta</i>	1/2/5	brejo
4. <i>Tyrannus melancholicus</i>	1/2/3/4/5	campo/mata
5. <i>Tyrannus savana</i>	2/3/4/5	campo
6. <i>Myiodynastes maculatus</i>	1	mata
7. <i>Pitangus sulphuratus</i>	1/2/3/4/5	todos
8. <i>Megarhynchus pitanga</i>	1	mata
9. <i>Satrapa icterophrys</i>	2	campo/brejo
10. <i>Myiarchus ferox</i>	1	mata
11. <i>Platyrinchus mystaceus</i>	1	mata
12. <i>Hemitriccus orbitatum</i>	1	mata
13. <i>Serpophaga subcristata</i>	2/3/4/5	campo
14. <i>Serpophaga nigricans</i>	5	lago
15. <i>Xolmis velata</i>	2	campo
16. <i>Camptostoma absoletum</i>	2/3/4/5	campo
17. <i>Elaenia flavogaster</i>	2	campo
18. <i>Myophobus fasciatus</i>	2	campo
19. <i>Machetornis rixosus</i>	2	campo
20. <i>Pyrocephalus rubinus</i>	2	campo
21. <i>Myiozetetes similis</i>	2	campo/brejo
22. <i>Pachyramphus polychopterus</i>	1	mata
23. <i>Pachyramphus validus</i>	2	campo
24. <i>Attila rufus</i>	1	mata
25. <i>Gubernetes yetapa</i>	2	brejo
<b>HERUNDINIDAE</b>		
1. <i>Tachycineta leucorrhoa</i>	1/2	campo
2. <i>Stelgidopteryx ruficollis</i>	1/2/3/4/5	campo
3. <i>Progne chalybea</i>	1/2/3/4/5	campo
4. <i>Phaeoprocne tapera</i>	2	campo
5. <i>Notiochelidon cyanoleuca</i>	1/2/3/4/5	campo
<b>CORVIDAE</b>		
1. <i>Cyanocorax cristatellus</i>	1/2	campo/mata
<b>TROGLODITYDAE</b>		
1. <i>Troglodytes aedon</i>	1/2/3/4/5	todos
<b>TURDIDAE</b>		
1. <i>Turdus amaurochalinus</i>	2/3/5	campo/mata
2. <i>Turdus albicollis</i>	1	mata
3. <i>Turdus rufiventris</i>	1/2/3/4/5	campo/mata/brejo
4. <i>Turdus leucomelas</i>	1/2	campo/mata
<b>MIMIDAE</b>		
1. <i>Mimus saturninus</i>	2/3/4/5	campo

FAMÍLIAS E ESPÉCIES	ÁREA	AMBIENTE
<b>EMBERIZIDAE</b>		
Parulinae		
1. <i>Geothlypis aequinoctialis</i>	1/2/5	brejo
2. <i>Basileuterus cullicivorus</i>	1	mata
3. <i>Comirostrum speciosum</i>	1/2	campo/mata
4. <i>Parula pitiayumi</i>	2/5	campo/mata
Coerebinae		
1. <i>Coereba flaveola</i>	1/2/3/4/5	campo/mata
Thraupinae		
1. <i>Dacnis cayana</i>	1/2	campo/mata
2. <i>Euphonia chlorotica</i>	1/2/5	campo/mata
3. <i>Pipraerdea melanonota</i>	1	mata
4. <i>Ramphocelus bresilius</i>	1	brejo
5. <i>Tangara cayana</i>	1/2/3/4/5	campo/mata
6. <i>Habia rubica</i>	1	mata
7. <i>Tachiphonus coronatus</i>	1/2/5	campo/mata/brejo
8. <i>Trichothraupis melanops</i>	1	mata
9. <i>Thlypopsis sordida</i>	1/2/3/4/5	campo/mata
10. <i>Thraupis sayaca</i>	1/2/3/4/5	todos
11. <i>Dacnis cayana</i>	1/2	mata
Tersiniinae		
1. <i>Tersina viridis</i>	1/2	mata
Emberizinae		
1. <i>Saltator similis</i>	1	mata
2. <i>Volatinia jacarina</i>	1/2/3/5	campo
3. <i>Sporophila cearulescens</i>	1/2/3/5	campo
4. <i>Sporophila lineola</i>	1/2/3/5	campo
5. <i>Sporophila leucoptera</i>	2	brejo
6. <i>Zonotrichia capensis</i>	1/2/3/4/5	campo
7. <i>Ammodramus humeralis</i>	2	campo
8. <i>Emberizoides herbicola</i>	1/2	campo
9. <i>Donacospiza albifrons</i>	2	brejo
10. <i>Sicalis flaveola</i>	2	campo
Icterinae		
1. <i>Gnorimopsar chopi</i>	2	campo
2. <i>Agelaius cyanops</i>	5	brejo
3. <i>Agelaius ruficapillus</i>	2	campo
4. <i>Molothrus bonariensis</i>	2	campo
<b>FRINGILLIDAE</b>		
1. <i>Carduelis magelanicus</i>	2	campo
<b>PROCEIDAE</b>		

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Foram registradas 156 espécies pertencentes a 40 famílias. Observamos espécies vivendo exclusivamente em um ambiente: 53 nos campos, 38 na área de mata, 10 nos brejos e 14 nos lagos. Em dois ambientes: 24 espécies nos campos/matás, 4 nos brejos/campos e 2 nas áreas urbanizadas/campos. Em três ambientes: 1 nos campos/matás/ áreas urbanizadas e 2 no campos/matás/brejos. Em todos os ambientes encontramos apenas 6 espécies.

Para as famílias mais representativas tivemos: 25 espécies de Tyrannidae (16,0%), 26 espécies de Emberezidae (16,6%) e 10 espécies de Trochilidae (6,4%). Estas três famílias perfazem 39,4% das espécies da área de estudo. Dentre elas encontramos: 30 espécies insetívoras (49%), 11 frugívoras (18%), 8 granívoras (13%), 10 insetívora/nectarívora (16,3%) e 2 frugívora/nectarívora (3,2%).

As espécies mais ameaçadas na área de estudo são as encontradas nas áreas de campo. Desta forma, com a urbanização decorrente da implantação do Campus Universitário, há necessidade de deixarmos áreas naturais deste ambiente para preservação dessas espécies. Já, as aves exclusivamente de mata e dos lagos são as que apresentam menores riscos de desaparecimento com a urbanização devido à estabilidade da presença dessas áreas. O mesmo podemos citar para as espécies que vivem em mais de um ambiente.

Espécies residentes e com número pequeno de indivíduos, ambientes únicos e específicos tendem a desaparecer da área de estudo, caso estes ambientes desapareçam com a urbanização: *Gubernetes yetapa*,

*Ramphocelus bresilius*, *Sporophila leucoptera* *Donacospiza albifrons*, *Agelaius cyanopus* (brejo) e *Celeus flavescens*, *Penelope obscura bronzinga* (mata).

A área do Campus Urbanova tem recebido espécies tipicamente de cerrado como *Lepidocolaptes angustirostris*, *Cyanocorax cristatellus* e *Ramphastos toco*. Algumas espécies de áreas abertas como: *Anthracoceros nigricollis*, *Leucochloris albicollis*, *Melanotrochilus fuscus*, *Pyrocephalus rubinus*, *Xolmis velata* são ocasionais; outras como *Tyrannus savana*, *Pachyrhamphus validus*, *Sporophila lineola*, *S. cearulescens* desaparecem no período de inverno, retornando na primavera para reproduzir na área. Espécie como *Fluvicola nengeta*, observada no Vale do Paraíba a partir de 1986, é atualmente observada com frequência na região dos lagos (área 4).

Para mantermos a diversidade das espécies ornitológicas da área do Campus Urbanova, que corresponde a aproximadamente 24% das espécies encontradas no Estado de São Paulo, há necessidade de preservarmos núcleos originais de vegetações típicas, principalmente nas áreas 1 e 2. Isto é causado pela distância das áreas totalmente urbanizadas que ainda mantêm áreas de alimentação, proteção e reprodução.

### Agradecimentos.

Agradeço ao Prof. Dr. Baptista Gargione Filho o apoio à pesquisa. Quero deixar meus agradecimentos aos colegas do CEN - Centro de Estudos da Natureza, e aos alunos do curso de Ciências Biológicas pelas contribuições trazidas durante as aulas de Trabalho de Campo em Biologia.

# Espacialização de Focos de Erosão no Sítio Urbano de Pindamonhangaba

Marcello Alves \*  
Angelica C. Di Maio Mantovani \*\*

**Resumo.** Quando a dinâmica antrópica, combinada com os processos naturais, apresenta-se intensa, como em áreas urbanizadas, a velocidade de desenvolvimento de processos de erosão torna-se maior. Em consequência destes fatos, a modificação e a degradação da cobertura vegetal são comuns, podendo, em muitos casos, até mesmo trazer riscos à população. Este é o caso do município de Pindamonhangaba (SP), o qual é o escopo deste trabalho, que visa localizar e espacializar os focos de erosão nos limites da área urbanizada e destinada à urbanização.

**Palavras-chave:** dinâmica, Pindamonhangaba, urbanização.

**Abstract.** When dynamic changes associated to natural processes appear in an intensive way, as in urban areas, the velocity of erosion processes development turns more evident. Considering these facts, the changes and environment degradation are common to occur. In many cases, this brings damages to people.

The study area is Pindamonhangaba city (SP), and the objective of this work is to locate and to map erosion points in the boundary of the urban areas and the area destined for urbanization.

**Key words:** dynamic, Pindamonhangaba, urbanization.

## INTRODUÇÃO

Durante o século XIX, o município de Pindamonhangaba, localizado na região do Vale do Paraíba, Estado de São Paulo, privilegiou-se das riquezas favorecidas por ocupar o posto de uma das maiores produtoras de café do Vale do Paraíba, durante a primeira fase de cultivo do produto (Milliet, 1982).

No entanto, o plantio de forma abusiva e indiscriminada provocou o desgaste e o empobrecimento do solo, tornando-o propício a erosões. (S. B. de Silvicultura, 1973). Foi assim refletido um quadro inadequado de planejamento agrícola, com deterioração crescente do potencial do uso do solo. Atualmente, esse quadro atinge as áreas urbanizadas e as vias de urbanização.

Assim, a elaboração deste trabalho teve como objetivo principal a espacialização das áreas urbanizadas e destinadas a esta forma de uso do solo, as quais se encontram afetadas por processos de erosão. Estas áreas que apresentam uma realidade diferenciada são evidenciadas pelas publicidades imobiliárias, pois os focos e as fotos apresentadas são referentes a áreas ainda não afetadas pelos processos de erosão.

Com a retirada da cobertura vegetal o solo perde grande parte de sua constituição original, responsável pela sua agregação e fertilidade.

Desta forma, a constante lixiviação, promovida pela ação das chuvas, aumenta a predisposição aos processos de erosão mais intensos.

Durante o levantamento das áreas estudadas, destacaram-se os seguintes fatores:

- Presença de cultura cafeeira durante o século XIX.
- Declividade não muito acentuada, porém atualmente sofrendo aplainamento.
- Áreas com sistema de escoamento de águas e esgoto com obras em andamento.
- Falta de vegetação natural.

Segundo Guerra (1996), a erosão é o processo de degradação e remoção do solo ou de fragmentos e partículas de rochas pela ação combinada da gravidade com a água, vento, gelo e organismos. O escoamento superficial se opera tanto em forma de finos filetes ou riachos trançados, como em formas caudalosas, encaixadas pelas ravinas e voçorocas. Na primeira, ocorre erosão laminar ou lençol; na segunda, a erosão linear.

\* Aluno do Curso de Geografia.

\*\* Professora da UNIVAP.

O mesmo autor também afirma que a erosão laminar é causada por escoamento difuso das chuvas, resultando na remoção progressiva dos horizontes superficiais do solo. Da erosão linear, causada por concentração das linhas de fluxo das águas de escoamento superficial, resultam incisões na superfície do terreno: sulcos, ravinas e voçorocas.

Este processo inicia-se com o salpicamento provocado pelo impacto das gotas de chuva, desagregando suas partículas (Figuras 1 e 2). Esta primeira ação de impacto é completada pela ação do escoamento superficial que leva as águas para as partes mais baixas do terreno. (DAEE, s.d.)

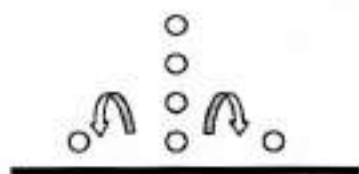


Fig. 1: As partículas são lançadas para os lados.

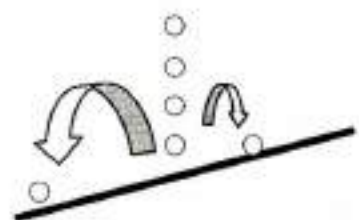


Fig. 2: As partículas são lançadas com mais força em direção às áreas mais baixas do terreno, devido à maior atuação da gravidade.

Em regiões tropicais ou subtropicais úmidas, como o território paulista, a erosão mais pronunciada se dá pela ação das chuvas.

Também vale ressaltar a importância do fator topografia, onde é notória a determinação da velocidade dos processos erosivos. Maiores velocidades de erosão podem ser mais esperadas em relevos acidentados do que em relevos suaves.

Contudo, a ocupação do território, iniciada pelo desmatamento, seguida pelo cultivo das terras, implantação de estradas, criação e expansão das vilas e cidades, sobretudo quando efetuada de modo inadequado, constitui o fato decisivo da aceleração dos processos de erosão. (DAEE, s.d.)

Este processo se destaca por ser forma de erosão provocada pelo homem, podendo ocorrer em poucos anos, sendo conhecida como antrópica.

## METODOLOGIA

A execução deste trabalho compreendeu etapas distintas; a primeira, referente ao trabalho de campo, onde foi realizado levantamento fotográfico das áreas afetadas; em seguida, realizou-se o levantamento histórico e bibliográfico das culturas agrícolas realizadas nas áreas urbanas, levantamento bibliográfico referente aos tipos de erosão existentes e suas causas, e por final, a espacialização cartográfica dos focos de erosão.

Utilizando-se uma carta topográfica na escala 1:50.000 (IBGE, 1973 pág.3), fotografias aéreas na escala 1:10.000 (Eletropaulo, 1988 pág.4) e fotografias levantadas em trabalho de campo (págs. 5, 6 e 7) confeccionou-se um material cartográfico que conta com aproximação visual dos focos de erosão e que tem como intuito auxiliar os compradores de lotes no município de Pindamonhangaba.

## RESULTADOS

As áreas analisadas apresentam alto grau de degradação, ocasionado pelo não aproveitamento adequado do solo e pela falta de um controle de ocupação (o município não conta com Plano Diretor ou com Leis de Zoneamento). Constatou-se a presença de sulcos acentuados, os quais, com o passar do tempo e com a falta de um manejo adequado do solo, podem tornar-se voçorocas, atingindo, desta forma, o estágio problemático para os moradores que investiram nestas áreas.

Outro fato a destacar é o de que grande parte das áreas afetadas não conta com a camada superficial original do solo, extraída para dar continuidade aos processos de ocupação, e pouco do que resta ainda conta com alguma forma de vegetação natural.

Sendo assim, um problema de ordem geológica torna-se também social, pois, estando os condomínios e lotes nestas condições, os valores referentes à edificação em áreas de risco passam a ser muito maiores do que em outras áreas de maior qualidade, uma vez que gastos com terraplenagem, recomposição do solo e fundações especiais são necessários para construção de moradias seguras e de qualidade.

Desta forma, a espacialização dos focos de erosão das áreas afetadas visou elaborar um material que subsidiasse, favorecesse e orientasse os compradores de lotes no município de Pindamonhangaba.

Aquisição da carta topográfica na escala 1: 50000 do município (IBGE, 1973)



Fig. 3 - Trecho da carta topográfica de Pindamonhangaba  
(Escala modificada)

Obtenção de material aerofotogramétrico do município de Pindamonhangaba na escala 1: 10.000  
(Eletropaulo - Terrafoto - 1988)



Fig. 4 - Fotografia aérea de Pindamonhangaba  
(Escala modificada)

Levantamento fotográfico de trabalho de campo, dos focos de erosão no terreno.



Fig. 5 - Área de estudo afetada.

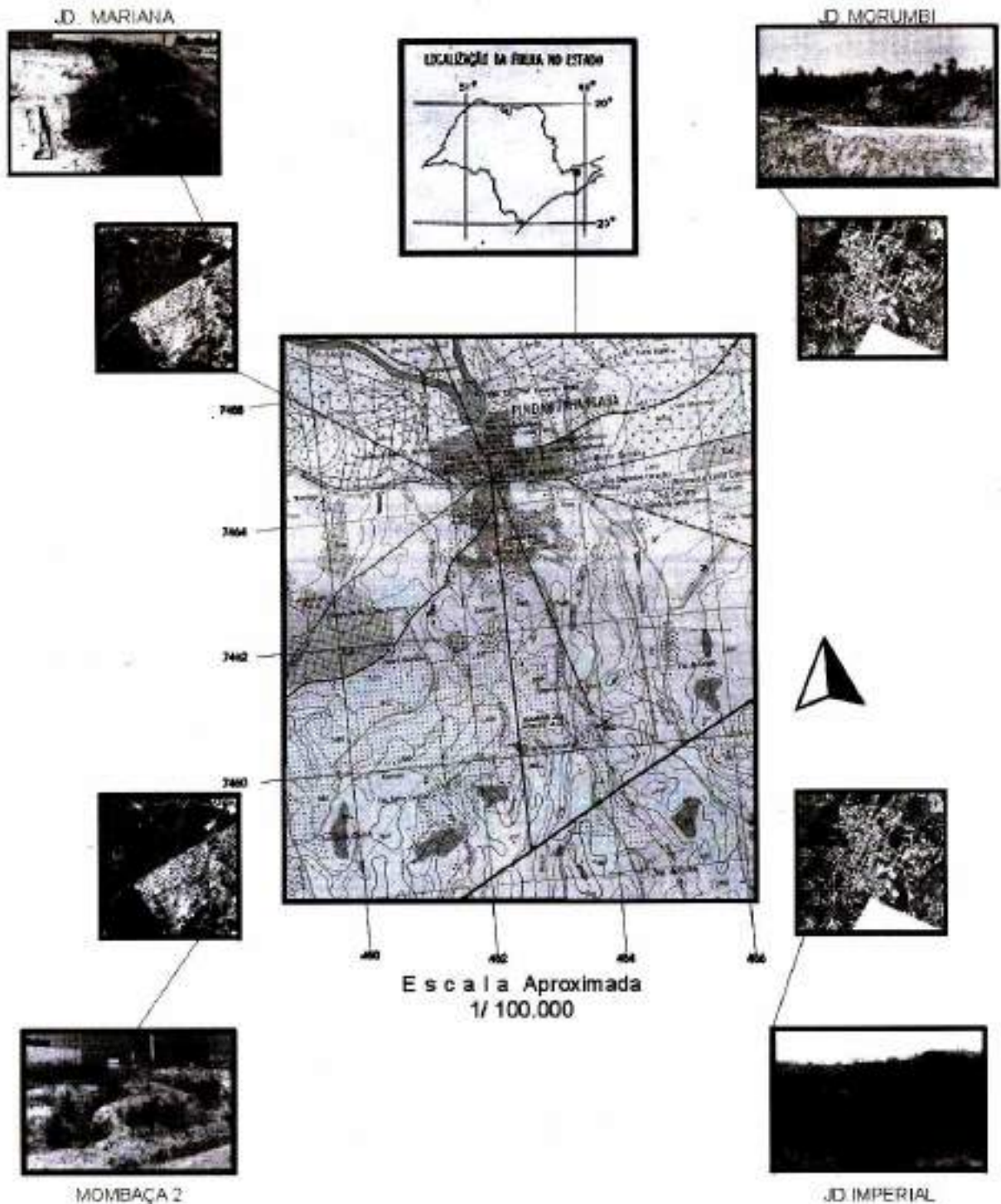


Fig. 6 - Área de estudo afetada.



Fig. 7 - Área de estudo afetada.

# ESPACIALIZAÇÃO DE FOCOS DE EROSÃO NO SÍTIO URBANO DE PINDAMONHANGABA - SP



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DEPARTAMENTO DE ÁGUAS E ENERGIA ELÉTRICA. Controle de erosão: Bases para o Planejamento Urbano e Regional; orientação para o controle de voçorocas urbanas. São Paulo. Is.d.I
- GUERRA, N. F.; Amaral, C.P. Movimentos de massas; uma abordagem geológico-geomorfológica. In Guerra, A.J.T.; Cunha, S.B. Geomorfologia e Meio Ambiente. Rio de Janeiro: Bertrant Brasil, 1996.
- SOCIEDADE BRASILEIRA DE SILVICULTURA. A Devastação Florestal. Is.I.I: SBS, 1973.
- MILLIET, S. Roteiro do Café e Outros Ensaio, 4ed. São Paulo: Hucitec, 1982.
- SCHULTZ, L. A. Métodos de Conservação do Solo. Porto Alegre: Sagea, 1987.
- URURAHY, J. C. C ; COLLARES, J.E R.; SANTOS, M. M.; BARRETOR. A. A. Vegetação In: Projeto RADAMBRASIL. Folha 23/24 Rio de Janeiro/ Vitória. Rio de Janeiro, 1983. p.533-623.

# Reflexões sobre o Ensino de Cartografia Temática na Geografia

Angelica C. Di Maio Mantovani \*

**Resumo.** *Este trabalho tem por objetivo mostrar a interação entre a ciência cartográfica, especificamente a cartografia temática, e a ciência geográfica, a partir da reflexão de vários autores. Esta abordagem é conduzida para o ensino de cartografia temática na Geografia, levando-se em consideração a representação cartográfica como um meio lógico de abordar criticamente e de forma clara a realidade. E sendo a cartografia uma linguagem de comunicação gráfica, é preciso que o autor do mapa utilize técnicas de percepção visual que auxiliem na leitura e entendimento imediato da representação cartográfica como uma linguagem de caráter monossêmico, para que esta possa ser mais bem compreendida.*

**Palavras-chave:** cartografia temática, ensino, geografia.

**Abstract.** *The objective of this paper is to show the interaction between cartography science, in particular thematic cartography, and geography science, through some authors reflections. This approach is focused on thematic cartography education on the subject of Geography, taking into account cartographic representation as a logic way to deal critically and clearly with reality. And as cartography is a graphic language communication, for best comprehension of this, it is necessary that map authors use visual perception techniques that help reading and immediate understanding of cartographic representation as a language of only one meaning.*

**Key words:** thematic cartography, education, geography.

## 1. INTRODUÇÃO

A Geografia tem por tarefa descrever, analisar e prever os acontecimentos terrestres. A descrição, análise ou predição geográfica dos fenômenos são sempre realizadas tendo em vista suas coordenadas espaciais. Como o conceito geográfico de espaço coincide com o de toda a Terra, o geógrafo teve necessidade de recorrer à representação da superfície terrestre para realizar seus estudos (Oliveira, 1977).

Para Oliveira (1977) representar os fenômenos estudados sempre foi uma necessidade básica em Geografia e afirma que a sua história está intimamente correlacionada com a representação espacial. Segundo a autora, a grande maioria dos geógrafos concorda que o mapa é uma representação indispensável aos seus trabalhos. Desta forma, Harvey (1969) sintetiza, em geral, o pensamento dos geógrafos:

"Geographers possess a number of techniques for portraying, representing, storing and generalising information. Of these there is none quite so dear to the hearts and minds of geographers as maps."

Para Oliveira (1977) os geógrafos por muitos anos abarcaram o estudo dos mapas e frequentemente sugeriram os mapas como o coração da disciplina de geografia. Por exemplo, o geógrafo Carl O. Sauer (1956) escreveu:

"Show me a geographer who does not need them [maps] constantly and want them about him, and I shall have my doubts as to whether he has made the right choice in life. The map speaks across the barriers of language."

A progressiva especialização e diversificação das realizações da cartografia científica praticadas desde os séculos XVII e cristalizadas no século XIX, em atendimento às necessidades aplicativas, culminam com a definição de seus dois principais ramos: aquele temático e aquele topográfico (Joly, 1976, citado em Martinelli, 1991).

O ramo topográfico trata os detalhes planialtimétricos, abordando a construção de documentos cartográficos, que incluem aspectos naturais e artificiais de uma área tomada de uma superfície planetária, possibilitando a determinação de altitudes e a avaliação precisa de direções e distâncias, e a localização de pormenores, com grau de precisão compatível com a escala.

\* Professora da UNIVAP.

O ramo da cartografia temática trata de temas ligados às diversas áreas do conhecimento. Os produtos gerados constituem documentos cartográficos em qualquer escala, onde sobre um fundo geográfico básico (extraído da cartografia topográfica) são representados os fenômenos geográficos, geológicos, demográficos, econômicos, agrícolas etc., visando ao estudo, à análise e à pesquisa dos temas, no seu aspecto especial (Oliveira, 1988), ou ainda, uma representação dos fenômenos localizáveis de qualquer natureza e de suas correlações (Joly, 1990).

Segundo Joly (1990), a expressão "Cartografia Temática" já levantou uma polêmica bastante vã. Fez-se notar que todo mapa, qualquer que seja ele, representa um tema, que a Cartografia Topográfica não escapa à regra e que portanto é abusivo distinguir uma Cartografia Temática de outra que não o seja. Da mesma forma, Oliveira (1988), questiona: "...O que é a carta topográfica senão a paisagem física e humana da superfície terrestre?"

Mesmo assim, pode-se deduzir que entre Cartografia Temática e Cartografia Topográfica existem diferenças significativas. No primeiro caso, o assunto tratado seria essencialmente descritivo e geométrico, já no segundo caso é analítico e eventualmente explicativo. Os procedimentos de levantamento, de redação e de difusão dos mapas não são os mesmos; nem a formação nem a qualificação dos cartógrafos deles encarregados; tampouco os meios utilizados para realizá-los (Joly, 1990).

É por isso que se sentiu necessidade de dar-lhes um nome particular. Seria preciso falar de "Cartografia Especial" ou de "Cartografia Aplicada", finalmente, o termo "Cartografia Temática" popularizou-se e entrou em uso corrente e internacional para designar todos os mapas que tratam de outro assunto, além da representação do terreno (Joly, 1990). Dissó se depreende que os mapas temáticos são inumeráveis, pois eles tocam a tudo aquilo que apresenta algum aspecto de repartição no espaço atual, passado ou futuro (Joly, 1990).

## 2. ANALISAR O ESPAÇO GEOGRÁFICO

Segundo Salichtchev (1978, citado em Martinelli, 1991), Cartografia é a ciência da representação e do estudo da distribuição espacial dos fenômenos naturais e sociais, suas relações e suas transformações ao longo do tempo, por meio de representações cartográficas - modelos icônicos - que reproduzem este ou aquele aspecto da realidade de forma gráfica e generalizada.

Desta forma, o autor mostra que a Cartografia não é simplesmente uma técnica, indiferente ao conteúdo que está sendo transmitido. Se ela pretende repre-

sentar e investigar conteúdos espaciais, por meio desses modelos, não poderá fazê-lo sem o conhecimento da essência dos fenômenos que estão sendo representados, nem sem o suporte das ciências que os estudam (Salichtchev, 1980; Martinelli, 1991).

Conforme Lacoste (1980), "...a confecção da carta de um território não é um pequeno empreendimento"; é preciso dar-se conta da massa de esforços envolvida nos levantamentos, nas medições e cálculos, na aplicação de métodos geodésicos, topográficos, astronômicos, fotogramétricos, gráficos, até se chegar no estabelecimento da carta. É o chamado "processo cartográfico", o qual envolve a coleta de dados, estudo, análise, composição e representação de observações e de medidas, de fatos, fenômenos e dados pertinentes a diversos campos científicos, associados à superfície terrestre ou a qualquer figura planetária.

É preciso também dar-se conta de que as cartas especializadas ou temáticas, como as geológicas, climatológicas, pedológicas, de vegetação etc., resultam de observações sobre o terreno, bem como de tratamento de um volume de dados considerável. "Chamar de geográficas todas essas representações construídas das diferentes formas da diversidade do espaço terrestre e creditá-las à Geografia, parece uma pretensão epistemológica abusiva por parte dos geógrafos" (Lacoste, 1980).

Para Lacoste (1980), é importante ressaltar que a Geografia é um vasto conjunto de saberes, que existe há séculos, e que se dirige sobretudo aos que têm poder sobre o espaço e as pessoas que aí se encontram - esta Geografia inclui essencialmente o estabelecimento de cartas. Fundamentalmente e não somente etimologicamente a Geografia é, por uma parte, representação por cartas do inventário das diferenças de todo tipo, tanto físicas quanto humanas, que se pode recensear na superfície terrestre no seu conjunto ou sobre espaços de menor extensão, e, por outra parte, a partir de tantas e diversas informações cartografadas, estabelecimento de estratégia e ação, passando pela compreensão das relações e interações entre os múltiplos elementos da diversidade dos fenômenos físicos e humanos.

Esta tarefa essencial da Geografia, que é o estabelecimento das cartas, será dela dissociada, sob o nome de Cartografia, a partir do século XIX. É nesta época, em Estados cada vez mais numerosos, e por razões econômicas e militares, que se desenvolveu maciçamente a produção de cartas em grande escala, o que exigiu um grande número de especialistas. É também nessa época que os pesquisadores das diversas ciências naturais e sociais começam a estabelecer cartas especializadas, como as geológicas, botânicas etc. Pode-se dizer que o

desenvolvimento da Cartografia, desde épocas remotas até os dias atuais, acompanhou o próprio progresso da civilização.

Em razão do progresso das ciências, dando origem a uma divisão do trabalho científico cada vez maior, parece abusivo considerar como "objetos geográficos" e relacionar à Geografia cada um desses diferentes tipos de cartas que resultam de pesquisas dos geólogos, dos botânicos, dos pedólogos etc.

"Em compensação, se considerarmos, não mais separadamente, mas conjuntamente, esses diferentes tipos de cartas especializadas ou temáticas que representam um mesmo território, parece legítimo e mais ainda útil, considerá-las, na sua pluralidade, como objetos geográficos.

Com efeito, a tomada em consideração, não somente das diversas cartas especializadas de um mesmo território, mas também de considerá-lo em diferentes escalas, depende de uma abordagem que é fundamentalmente da Geografia" (Lacoste, 1980).

Lacoste (1980) pergunta porque é necessário procurar considerar conjuntamente as representações espaciais estabelecidas pelas diferentes disciplinas científicas, e responde que a ação, seja ela do tipo econômico ou militar, por exemplo, não se aplica na realidade sobre um espaço abstrato cuja diferenciação resulta da análise de uma só disciplina, mas sobre um território concreto cuja diversidade e complexidade só podem ser extraídas por uma visão global, articulando os pontos de vista de várias disciplinas científicas. O espaço real onde se leva a ação não é somente o dos topógrafos, ou dos geólogos, ou dos demógrafos, por exemplo, ele é concreto, é o entrecruzamento de todas essas maneiras especializadas e parciais de ver o espaço terrestre.

Para Joly (1990), os mapas especializados ou temáticos ilustram o fato de que não se pode colocar tudo num mesmo mapa, e que a solução é, portanto multiplicá-los, diversificando-os. Eles mostram, ao mesmo tempo, que a cartografia de fenômenos isolados é um maravilhoso instrumento de análise científica ou técnica do espaço geográfico. Esse espaço geográfico é concretamente percebido através dos objetos materiais, visíveis e mensuráveis que o compõem: rochas, montanhas, vales, rios, florestas etc. Mas engloba também uma larga gama de outros conceitos ou de relações invisíveis de ordem física, biológica ou humana. Segundo o autor, o espaço geográfico é um "sistema" complexo de equilíbrios móveis que, num lugar e num momento dados, são regulados por causas múltiplas, interdependentes e interativas, sendo elas próprias portadoras de conseqüências para o futuro.

Conforme o autor, é sobre a análise e explicação desses equilíbrios que se baseia a Geografia científica e, por conseqüência, a Cartografia Temática, que é a sua expressão gráfica. Nisso, ela recebe uma grande ajuda dos meios modernos de que o cartógrafo dispõe como o sensoriamento remoto e a cartografia computadorizada. Entender o espaço geográfico tornou-se, assim, o segundo grande objetivo da Cartografia, no decorrer do século XX.

Conforme Santos (s.d.), a informação geográfica nem sempre pode ser apreendida, estudada e comunicada adequadamente por mensagens construídas através de línguas naturais ou de modalidades de linguagens matemático-estatísticas. Porém, as mensagens/imagens gráficas, geradas por uma variedade de fontes pictoriais ou construídas a partir de um conjunto de dados, podem comunicar várias dimensões explicativas empreendidas pela análise geográfica, ou propiciá-las, tais como: a descritiva que inclui a coleta, a ordenação e a classificação de dados; a funcional e sistêmica, abordando o papel das relações de fatos, fenômenos ou eventos em determinadas organizações, e a estrutura dessas organizações; a temporal, que compreende a origem e posterior desenvolvimento de aspectos estudados etc. Enfim, podem armazenar e proporcionar a análise e comunicação mais adequada acerca de fatos, fenômenos e eventos geográficos, a partir de sua redução, simplificação ou transcrição mais objetiva. Como observa Oliveira (1977), os geógrafos sempre recorreram ao uso de imagens gráficas para resolver os problemas básicos do estudo do espaço geográfico, ou seja, "a impossibilidade de percebê-lo em sua totalidade".

Para a autora, os mapas são considerados modelos, por excelência, para o desenvolvimento do conhecimento geográfico. E como modelos, podem, de acordo com Chorley e Hagget (1975), estabelecer uma "ponte entre os níveis da observação e o teórico".

### 3. CARTOGRAFIA E GEOGRAFIA

Os mapas sempre estiveram associados à Geografia (Martinelli, 1990), pode-se dizer que de todas as ciências ligadas à Cartografia, a Geografia é uma das mais importantes, à medida que os fatos e fenômenos se originam de diversos ramos da Geografia, quer física, humana, econômica etc. (Oliveira, 1988).

Seria inviável a construção de um mapa econômico sem o conhecimento da Geografia Econômica, ou a elaboração de um mapa da distribuição de vegetação, sem o influxo da Fitogeografia. Os dados que a Cartografia utiliza para a representação da realidade física e humana da crosta terrestre, obtidos, seja por levantamentos tradicionais, seja por técnicas de sensoriamento

remoto, são dispostos metodicamente no sentido de traduzir, com fidelidade, aqueles fatos e fenômenos tais como eles se apresentavam no momento da coleta de dados. Por exemplo, "as migrações ocorridas em determinado período de tempo, num estado ou município do Brasil, são um fenômeno que o geógrafo observa e interpreta, e cujos dados o cartógrafo distribui, metodicamente, num mapa, retratando também mediante simbologia própria, mediante a assistência de regras matemáticas, aquele fenômeno ocorrido naquele espaço de tempo, naquela parte do território" (Oliveira, 1988).

Para Oliveira (1988), a participação da Geografia na Cartografia não se restringe somente à elaboração de mapas temáticos. A carta topográfica, oriunda de uma cobertura regular de fotografias aéreas, é a base inequívoca do binômio geografia-cartografia, através do qual nunca se pode determinar qual a influência que uma exerce sobre a outra. Há, por exemplo, certas formas de relevo e determinados padrões de drenagem de uma área, que se distinguem fundamentalmente dos de outras áreas; verificam-se coberturas florísticas inteiramente diversas de uma região para outra, nas quais as causas dessa diversificação igualmente variam, como clima ou o solo, ou a latitude; a homem, grande modificador da paisagem, quase sempre, exerce a sua ação por meio de razões sócio-econômicas, a exploração agrícola de uma parte do território se evidencia muito diferente da praticada em outra.

Conforme o autor, a minuta fotogramétrica transmite-nos, em sua frieza matemática, uma grande parte de todos os aspectos físicos e culturais da área cartografada. Vêm, com ela, os resultados da reambulação para complementar muitas informações que a carta precisa apresentar. Faltam, muitas vezes, determinados conhecimentos geográficos, os quais se impõem, a fim de que a carta seja realmente uma síntese segura desse conjunto de fenômenos geográficos.

Oliveira (1988) relata que certa vez, no Institut Géographique National, um cartógrafo que elaborava o relevo sombreado de uma folha topográfica, apontando para um detalhe em execução, observou:

"eu tenho, aqui, que exagerar o sombreado desta vertente, muito mais do que em outras vertentes. Se não o fizer, este divisor de águas vai ficar igual a outros divisores de águas. E isto tem que ser evitado porque se trata, aqui, de uma cuesta, cujo terreno é calcário. Se não o fizer, dificilmente o usuário irá descobrir a cuesta apenas pelas curvas de nível ou pela hidrografia".

É importante, como se nota, bons conhecimentos interdisciplinares aos que planejam e constroem as cartas.

Para Bertin (1986), a topografia define as distâncias "X" e "Y" na folha de papel, ou seja, define a localização do tema, seja em ocorrência pontual, linear ou zonal. Segundo o autor, a topografia não apresenta problemas de escrita gráfica. É suficiente que forneça os pontos e as linhas. "A representação do relevo, por exemplo, não é uma questão topográfica". Se o topógrafo é o mais habilitado para definir a altitude de um ponto, ele poderá não ser mais habilitado que o tematizador, para escolher entre os múltiplos meios de representação em "Z", a terceira dimensão do plano, a variação desta quantidade. É assim que a representação por curvas de nível deixa escapar relevos muito significativos. Ela os ignora, seja porque eles se situam entre duas curvas de nível, seja porque a generalização é feita sem o conhecimento suficiente dos caracteres geográficos.

Para que seja elucidada, de melhor forma, a questão X, Y e Z, Bertin (1986) cita o exemplo da elaboração de um mapa do número de habitantes por casa, em uma aldeia africana, onde o etnólogo deve primeiro fazer o mapa das casas, ou seja, determinar seus lugares respectivos em X e em Y em uma folha de papel. É uma operação topográfica. Resta transcrever em cada uma das casas, ou seja, em cada lugar XY da folha de papel, a quantidade Z de habitantes. Esta transcrição é uma operação temática. A quantidade Z representa aqui os habitantes, em um outro mapa ela poderá representar os rendimentos, em um outro a idade da casa, sua altura, sua altitude, o número de filhos, a profissão do pai etc. Os temas são inumeráveis, mas a topografia permanece constante.

#### 4. CARTOGRAFIA TEMÁTICA DA GEOGRAFIA: UMA CARTOGRAFIA CRÍTICA

Conforme Martinelli (1986), atualmente a produção de mapas temáticos consolidou-se como um importante ramo da Cartografia. Tais mapas constituem-se não apenas em meios de registro da informação, mas também como instrumentos de pesquisa e em formas de divulgação dos resultados obtidos com estudos em ciências que se preocupam com distribuições espaciais. O objeto de estudo da Geografia é o espaço geográfico; portanto, o objeto da representação da Cartografia Temática de interesse da Geografia é este espaço, um espaço social, resultante da produção humana ao longo do tempo.

Martinelli (1990) enfatiza que é inadmissível o geógrafo da atualidade menosprezar o papel dos mapas quando prega uma Geografia com a clara finalidade, ao ser crítica, de servir ao progresso social. Segundo Martinelli (1996), "a geografia tem que reencontrar o mapa perdido, repensar e avaliar quais representações do espaço seriam aquelas da Cartografia para a Geogra-

fia". Para o autor, este grande passo seria muito simples, não se poderia mais aceitar mapas como meras ilustrações, que desempenham um papel decorativo. Portanto, uma proposta para a Cartografia da Geografia deve partir de uma posição crítica, bastando para isso deixar de conceber o mapa como um código. Abandonar o domínio das convenções, onde o mais importante consiste em exaltar a relação entre o signo e o significado, e passar a conceber o mapa como um sistema semiológico monossêmico, que dispensa completamente qualquer convenção. Passa-se, assim, ao domínio do raciocínio lógico (Martinelli, 1996). Neste raciocínio, exalta-se a relação entre os significados dos signos. Não há convenções; fazer esta Cartografia significa mostrar a diversidade pela diversidade visual; a ordem pela ordem visual e a proporção pela proporção visual; e transgredir esta regra básica significa que estaremos realizando uma comunicação enganosa (Bertin, 1973, 1977; Bonin, 1975; Martinelli, 1990, 1991, 1994). Esta corrente teórica é fundamentada no paradigma semiológico, de cunho estruturalista, que associa a cartografia à linguagem da representação gráfica destinada à vista (Martinelli, 1994).

A tarefa essencial da representação gráfica é a de transcrever as três relações fundamentais entre objetos por relações visuais de mesma natureza, sem ambigüidades. Para Bertin (1978), teórico fundador desta corrente, a representação gráfica coloca, tanto o emissor quanto o receptor (redator gráfico e usuário), como atores diante dessas três relações fundamentais entre conceitos previamente definidos, as quais deverão ser transcritas por relações visuais de mesma natureza, conforme o esquema da Figura 1. Neste caso, o redator gráfico e o usuário participam da mesma ação e se colocam diante da mesma situação perceptiva, ambos desejam descobrir a informação contida implicitamente nos dados, passam então de espectadores a atores. As variações visuais, ou variáveis visuais, relacionadas à mancha visível (Z) serão exploradas pela variação de tamanho, valor, granulação, cor, orientação e forma (Bertin, 1986).

Ator ↔ Três Relações (≠, O, Q)

- ≠: relações de diversidade/similaridade
- O: relações de ordem
- Q: relações de proporcionalidade

Fig. 1: Esquema da comunicação monossêmica Fonte: Bertin (1978)

## 5. GEOGRAFIA, CARTOGRAFIA E ENSINO

Passini (1997) considera de grande importância as representações na atual era da comunicação. Contudo, sabe-se que, no ensino, o mapa tem sido utilizado apenas como recurso didático para ilustrar aulas exposi-

tivas, e especialmente localizar lugares. Esta postura neutraliza o potencial de aprendizagem geográfica do mapa, que poderia ser utilizado como um instrumento científico de construção do conhecimento acerca do espaço.

Para Le Sann (1997), considerando o papel fundamental da cartografia, ou seja, localizar, representar, evidenciar relações lógicas e possibilitar explicações, os mapas são mal-utilizados nas escolas, e os educadores necessitam encontrar caminhos que facilitem e incentivem a sua plena utilização. Existe a necessidade portanto de haver, por parte dos professores, um certo domínio cartográfico a partir do domínio da linguagem da representação gráfica que auxiliem na leitura e entendimento imediato da representação cartográfica, através de técnicas de percepção visual. Conforme citado em Passini (1997) e por vários autores, a linguagem gráfica deve: formar imagem, ser monossêmica, permitir a leitura da informação em um instante de percepção e mostrar a essência da informação por ser sintética.

Le Sann (1997) defende o uso da semiologia gráfica como linguagem gráfica porque utiliza as propriedades do plano para revelar, nos conjuntos de dados, as relações de semelhança, de ordem ou de proporcionalidade, neles contidos. A autora relata que quando utilizada com crianças, a lógica perceptiva, que fundamenta a semiologia gráfica, fica evidente, pois as crianças possuem percepção inata dessas relações. Para o adulto, essa percepção sofreu um desvio, através de uma aprendizagem baseada em convenções e não em percepções.

Francischett (1997) relata que, em sua experiência como professora de Geografia, percebeu que a maioria dos estudantes não gosta e nem sente a necessidade de estudar os mapas. E que o demérito que é atribuído aos mapas está ligado à falta de compreensão destes. A autora relata ainda que durante a realização de um vestibular, em 1995, uma vestibulanda em sua prova desabafou "Se eu soubesse que o curso de Geografia é de muitos mapas, como estão falando, eu não teria optado por Geografia". Parece um grande desafio para o professor de Geografia reverter esta situação, sendo que ele, em geral, também considera o processo de comunicação cartográfica muito complexo.

Matias (1996) reforça, no que se refere à Geografia, que os mapas representam um importante instrumento para o conhecimento e a representação da realidade, sendo assim indispensáveis ao trabalho geográfico. E que como linguagem visual apresentam características insuperáveis para a representação do fenômeno espacial, sendo necessário conhecer a sua gramática. E na opinião do autor essa gramática é desenvolvida de forma mais abrangente pela semiologia gráfica.

## 6. OS MÉTODOS DE REPRESENTAÇÃO

No campo da Cartografia Temática, a Cartografia coloca à disposição das ciências que a requisitam uma série de modos de representação para mostrar aspectos qualitativos, ordenados e quantitativos de seus objetos de estudo com dimensão espacial. Pode-se empreender uma apreciação do ponto de vista estático ou dinâmico, sendo que a manifestação dos fenômenos pode se dar em forma pontual, linear ou zonal (Martinelli, 1988 e 1991). Conforme Martinelli (1986 e 1991), sugere-se agrupar os métodos de representação da Cartografia Temática como: representações qualitativas, representações ordenadas, representações quantitativas e representações dinâmicas.

As *Representações Qualitativas* ( $\neq$ ) são empregadas para expressar a existência, a localização e a extensão das ocorrências dos fenômenos ou de suas categorias que se diferenciam pela sua natureza ou tipo, podendo ser classificadas por determinados critérios. Abordam a ocorrência sem considerar a intensidade da manifestação, no entanto podem ser colocadas, se for de interesse, em uma ordem lógica. Por exemplo, o mapa de uso do solo, onde a variável visual "cor" poderia ser empregada.

Transcrever muitos caracteres num mapa poderá torná-lo exaustivo. Existem duas soluções para este problema: a) para responder a questão "tal caráter, onde está?", é preciso fazer um mapa por caráter; sugere-se então a *coleção de mapas*, para o caso onde é necessário definir os grupos; b) quando o mapa serve para indicação especial, a questão pertinente é "o que existe em tal lugar?" É preciso então *superpor os caracteres* num mapa e utilizar as variáveis visuais de separação. Para responder a todas as questões é, então, preciso construir a e b.

As *Representações Ordenadas* (O) são indicadas quando as categorias dos fenômenos se inscrevem numa seqüência única e universalmente admitida. A relação entre objetos é de ordem. Por exemplo, evolução das cidades pelo critério da mancha urbana. Uma variável visual adequada para o caso é o "valor".

As *Representações Quantitativas* (Q) são empregadas para evidenciar a relação de proporcionalidade entre objetos. Esta relação deve ser transcrita por relações visuais de mesma natureza. A única variação visual que transcreve corretamente esta noção é a de "tamanho". Por exemplo, em uma implantação pontual, círculos de tamanhos proporcionais às quantidades de habitantes de uma região. Em uma implantação zonal, sugere-se, conforme Martinelli (1991), um dos seguintes métodos:

1 - "Método dos pontos de contagem" - expresso por uma variação do número de pontos iguais, distribuídos regularmente ou não, pela área de ocorrência;

2 - "Método da distribuição regular de pontos de tamanho crescentes" - expresso por uma variação de tamanho de pontos regularmente distribuídos pela unidade observacional;

3 - "Método das figuras geométricas proporcionais" - onde ocorre a variação de tamanho de um único símbolo centrado na área de ocorrência;

4 - "Método isoritmico" - onde ocorrem curvas de igual valor (isolinhas) com valor visual preenchendo o espaço intercalar;

5 - "Método coroplético" - apresenta uma série de valores visuais preestabelecidos (Q/A, onde A= Área).

Nas *Representações Dinâmicas*, a prática mais comum para se construir a noção de dinamismo é a de confrontarmos várias edições de um mesmo tipo de mapa, numa seqüência temporal. O tempo e o espaço são dois aspectos impossíveis de serem dissociados e fundamentais da existência humana. As representações dinâmicas devem traduzir a dinâmica social que produz o espaço geográfico ao longo do tempo, esse dinamismo dos fenômenos pode ser transcrito pelas variações quantitativas ou pelas transformações dos estados de um fenômeno, que se sucedem no tempo para um mesmo lugar; no espaço, o fenômeno se manifesta através de um movimento, deslocando certa quantidade de elementos através de certo percurso, dotado de certo sentido e direção, empregando, para isso, um certo tempo (Martinelli, 1991).

O quadro a seguir resume a questão das relações fundamentais (O, Q,  $\neq$ , =) e sua organização em relação às variáveis visuais, e que aspectos estas assumem nas diferentes implantações.

VARIÁVEL VISUAL	PROPORCIONALIDADE DAS MANCHAS VISUAIS	IMPLANTAÇÃO		
		PONTUAL	LINEAR	ZONAL
TAMANHO	Q	○ ○ ○	— — —	■ ■ ■
DISTRIBUIÇÃO (MÚLTIPLA)	○ ○ ○	○ ○ ○	— — —	■ ■ ■
DISTRIBUIÇÃO ÚNICA	○ ○ ○	○ ○ ○	— — —	■ ■ ■
COR	≠	○ ○ ○	— — —	■ ■ ■
ORIENTAÇÃO	≠	○ ○ ○	— — —	■ ■ ■
FORMA	≠	○ ○ ○	— — —	■ ■ ■

cor = uso das cores puras do espectro ou de suas combinações. Combinação das três cores primárias, cian, amarelo, magenta (tricomia).

Fonte: Cardoso, 1984.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para se aprender a fazer bons mapas temáticos, precisamos aprender a ver e devemos nos conscientizar do seu poder de comunicação visual, e com isso servir à sociedade no esclarecimento e na desmitificação das representações cartográficas para não deixá-las só em benefício dos detentores do poder (Martinelli, 1986). Para isso, é importante dinamizarmos tal forma de comunicação em prol do esclarecimento popular para o entendimento do espaço enquanto produto social (Martinelli, 1990). Alguns mapas não transmitem as informações de uma forma coerente e lógica. Deve-se, portanto, buscar uma Cartografia crítica, que incorpore todas as relações, mediações e contradições entre elementos do quadro físico, humano e econômico (Carvalho, 1989).

À Geografia cabe compreender o espaço produzido e em produção pela sociedade, as relações de produção que acontecem e a apropriação que os diferentes grupos sociais fazem ou lhe é negado fazer, da natureza. Trata-se de abordar criticamente a realidade, tendo em vista sua transformação consciente voltada para o futuro bem-estar da sociedade. Diante desta realidade, a Cartografia não poderá ter, como tradicionalmente se considera, uma função meramente ilustrativa. Na pesquisa, ela deve constituir um meio lógico capaz de revelar, sem ambigüidades, o conteúdo embutido na informação mobilizada e, portanto, dirigir o discurso do trabalho científico de forma abrangente, esclarecedora e crítica, socializando o mapa, enaltecendo, assim, a finalidade social da Ciência Cartográfica (Martinelli, 1994).

De acordo com Oliveira (1996), não resta dúvida de que o homem, como indivíduo ou parte de um grupo, basicamente necessita saber onde estão localizadas as coisas e onde ocorrem os acontecimentos na superfície da Terra. A atividade de mapear nasceu como manifestação de uma utilidade imediata e sob a pressão de necessidades fundamentais, tais como saber onde estamos e que relações espaciais podemos estabelecer. A necessidade de localizar-se e orientar-se se manifesta em termos de defesa, segurança e movimentação.

Sendo o mapa um instrumento necessário e básico para o homem estabelecer relação com o mundo e comunicação com outros homens, na vida moderna lhe é exigido cada vez mais a manipulação de mapas com as mais variadas informações. Além disso, o geógrafo sempre utilizou o mapa como instrumento científico e como forma de comunicação gráfica, de modo a constituir-se numa linguagem para expressar espacialmente os objetos de estudo. Assim como a linguagem escrita e falada está, indissolúvelmente, associada à atividade mental, também a linguagem gráfica (mapa) é uma

exteriorização do pensamento humano. Para que esta exteriorização possa ser compreendida e ser repetida, é preciso que o "fazedor" do mapa utilize técnicas que diminuam ou permitam medir a sua subjetividade (Oliveira, 1996).

## 8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERTIN, J. *Sémiologie Graphique*. Paris: Mouton, 1973.
- BERTIN, J. *La Graphique et le Traitement Graphique de l'Information*. Paris: Flammarion, 1977.
- BERTIN, J. *Théorie de la Communication et Théorie de la Graphique*. Mélanges Charles Morazé: p.1-6, 1978.
- BERTIN, J. *A Neográfica e o Tratamento da Informação*. Curitiba: UFPr, 1986.
- BONIN, S. *Initiation a la Graphique*. Paris: L'Epi, 1975.
- CARDOSO, J. A Construção de Gráficos e Linguagem Visual. *História: Questões & Debate*. Curitiba v.5, n.8, p.37-58, 1984.
- CARVALHO, M.B. A natureza na Geografia do Ensino Médio. *Para Onde Vai o Ensino da Geografia?* São Paulo: Contexto, 1989.
- CHORLEY, R. J.; HAGGETT, P. *Modelos Sócio-Econômicos em Geografia*. Rio de Janeiro/São Paulo: Livros Técnicos e Científicos/EDUSP, 1975.
- FRANCISCHETT, M.N. *A Cartografia na Geografia: construindo os caminhos do cotidiano*. Francisco Beltrão (PR): Grafit, 1997.
- HARVEY, D. *Explanation in Geography*. Nova York: St. Martin, 1969.
- JOLY, F. *A Cartografia*. Campinas: Papirus, 1990.
- LACOSTE, Y. Os Objetos Geográficos. Coletânea de Textos sobre a Exposição "*Cartes et Figures de la Terre*". Paris: Centro Georges Pompidou, 1980.
- LE SANN, J.G. Mapa: Um Instrumento para Aprender o Mundo. *Revista Geográfica e Ensino*. Belo Horizonte, UFMG/IGC. V.6, N.1, 1997, p.25-30.
- MARTINELLI, M. A Cartografia da Geografia: Um Processo de Comunicação com a linguagem Gráfica, Visual. In: *Encontro Nacional de Geógrafos, 6*. Campo Grande (MS): julho de 1986.

- MARTINELLI, M. As Representações Gráficas da Geografia: Reflexões Teóricas e Especulações Visuais. In: Encontro Nacional de Geógrafos, 7. Maceió (AL): 23-29 julho de 1988.
- MARTINELLI, M. Orientação Semiológica para as Representações da Geografia: Mapas e Diagramas. Orientação, São Paulo: USP, n.8, p.53-69, 1990.
- MARTINELLI, M. Curso de Cartografia Temática, São Paulo: Contexto, São Paulo, 1991.
- MARTINELLI, M. Cartografia Ambiental: Uma Cartografia Diferente. Revista do Departamento de Geografia, São Paulo: USP, n.7, p.61-80, 1994.
- MARTINELLI, M. A Cartografia do Meio Ambiente: A Cartografia do Tudo? In: Encontro Nacional de Geógrafos, 10, Recife (PE), 14-19 julho de 1996.
- MATIAS, L.F. Por uma Cartografia Geográfica – uma Análise da Representação Gráfica na Geografia. São Paulo: FFLCH/USP, 1996. Dissertação (Mestrado), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - USP.
- OLIVEIRA, C. de. Curso de Cartografia Moderna, Rio de Janeiro: IBGE, 1988.
- OLIVEIRA, L. de. Estudo Metodológico e Cognitivo do Mapa. Rio Claro (SP): UNESP, 1977. Tese (Livre Docência), Universidade Estadual de São Paulo.
- OLIVEIRA, L. de. Percepção e Representação do Espaço Geográfico. In: Percepção Ambiental, São Carlos: UFSCar: p.187-212, 1996.
- PASSINI, E. Y. As Representações Gráficas e a sua Importância para a Formação do Cidadão. Revista Geográfica e Ensino. Belo Horizonte, IGC/UFMG, v.6, n.1, p.17-24, 1997.
- SALICHTCHEV, K. A. Algumas Reflexões sobre Objeto e Método da Cartografia depois da Sexta Conferência Cartográfica Internacional. Coletânea de Textos sobre a Exposição "Cartes et Figures de la Terre", Paris: Centro Georges Pompidou, 1980.
- SANTOS, M. M. D. dos. O Mapa e o Ensino-Aprendizagem da Geografia. Publicação Especial, Departamento de Geografia, UFMG, n.7, 39p. s.d.l.
- SAUER, C. O. The Education of a Geographer, Annals (Association of American Geographers), n.46, p.287-99, 1956.

# Informalidade, Política e Espaço Público

Francisco José Ramires \*

**Resumo.** *O mundo moderno é marcado pelo desemprego e esse fato tem profundas conseqüências no que diz respeito à capacidade de organização política dos trabalhadores. Estar sem emprego significa temer a precarização das condições de vida e também estar fora dos grupos de pressão tradicionais (os sindicatos). Além disso, o desempregado sente a angústia de quem não consegue assumir um papel social fundamental para se sentir útil na sociedade. Assim, algumas questões devem ser discutidas. Como os desempregados conseguem integrar as discussões políticas? O que fazem para não serem expulsos da esfera pública? Estas são algumas indagações que levaram à elaboração desse texto.*

**Palavras-chave:** desemprego, mercado informal, política e esfera pública.

**Abstract.** *The modern world is marked by the unemployment and this fact has deep consequences that concern with the capability of workers' political organization. Being out of a job means to fear the precariousness of life's conditions and also being out of the traditional pressure groups (the labour unions). Moreover, the unemployed feel the affliction of who does not play a fundamental social role to feel useful in society. Thus, some questions must be discussed. How do unemployed get to take part of political discussions? What do they make for not being turned out of public sphere? These are some inquiries that guided the elaboration of this text.*

**Key words:** unemployment, informal market, politics and public sphere.

Afirma-se que a sociedade baseada no trabalho está com seus dias contados. O grande número de pessoas que não conseguem se integrar no mercado formal, segundo alguns, coloca em xeque tudo o que foi dito, até então, a respeito das relações e contradições sociais. Não desfrutando do vigor de outrora, o trabalho não mais seria fonte de dignidade, muito menos a promessa emancipadora de tempos atrás (1). Afinal de contas, será isso verdade, justamente no momento em que tantos fatos parecem dizer justamente o contrário (conflitos entre camelôs, comerciantes e policiais; enormes filas nos centros de apoio aos trabalhadores; carteiras de trabalho sendo levadas em cerimônias religiosas para receberem as bênçãos do Céu; pesquisas que mostram índices de desemprego nunca antes vistos)? Isso para ficar em alguns exemplos.

O trabalho exercido nas ruas coloca os camelôs não somente em uma situação distinta em relação aos trabalhadores formais, mas também aos próprios informais, escondidos nas estatísticas sobre desemprego e sob os "bicos" que garantem a sobrevivência. A visibilidade proporcionada pelas ruas sugere aspectos importantes a respeito do trabalho e dos trabalhadores informais. Paradoxalmente, estar nas ruas (2) é existir e ter a

possibilidade de lutar por reconhecimento e por um lugar na vida social. Nas ruas e praças, os camelôs oferecem um mote para se pensar a relação entre espaço público e trabalho, no momento em que vários intelectuais proclamam, em alto e bom tom, a perda da importância deste. Como se tentará mostrar aqui, o trabalho resiste e revela seu poder nas discussões acadêmicas, na vida das pessoas e nos questionamentos sobre a sociedade.

A reflexão que aqui se inicia está fundamentalmente ligada à necessidade de se desenvolver a noção de espaço público em um sentido muito específico (3).

O espaço público está diretamente ligado tanto à ação como ao discurso, ambos dotados de sentido na constituição de um "mundo comum", sendo que este remete a um sentimento de partilha de um destino igualmente comum (TELLES, 1990:28). No que concerne aos camelôs, a constituição de sindicatos e a ocorrência de movimentos reivindicatórios anunciam uma novidade, tendo em vista que, até então, todas as experiências associativas entre trabalhadores urbanos centravam-se nas reivindicações nascidas no seio das indústrias de ponta (sobretudo as metalúrgicas) e seus personagens partilhavam a mesma situação de formalidade no que diz respeito a relações trabalhistas, mesmo que marcadas por altos índices de exploração. De um modo geral, os

\* Professor da UNIVAP.

informais não se mobilizavam. Estavam tão somente unidos pela solidão de quem luta hoje para obter um trabalho que talvez não esteja disponível na manhã seguinte.

Contudo, os acontecimentos decorrentes dos conflitos entre camelôs, comerciantes e Estado parecem sugerir um novo estatuto para os informais, ainda mais se for levado em conta o crescente número de desempregados e o aumento da precarização das relações de trabalho. Citando Sabóia, Ermínia Maricato afirma que, em São Paulo, entre 1982 e 1992, o número de trabalhadores com carteira assinada caiu de 64% para 58%. No mesmo período, os trabalhadores por conta própria (5% em 1982) representavam 20% da população ocupada em 1992 (MARICATO, 1996:50). Os últimos dados fornecidos pela Fundação Seade, em conjunto com o DIEESE, só vêm reiterar a situação aludida. Mas o que significa esse novo estatuto?

No livro *Trabalhador por Conta Própria sob o Capital*, Reginaldo Prandi, ao traçar um quadro a partir do dispêndio de força de trabalho em atividades com nula ou quase nula capitalização, do auxílio de membros da família e da ausência de vínculo empregatício (PRANDI, 1978:25-6), afirma que as pessoas nessa situação não estabelecem relações de cooperação necessárias à existência (PRANDI, 1978:40). Constituem o que o autor chamou de *classe intermediária*, cujos interesses escapam à oposição entre capital e assalariamento. Conseqüentemente, não possuem um projeto político próprio capaz de dar sentido à sociedade como um todo (PRANDI, 1978:69), pois o capital pode, a qualquer momento, recrutar essa força de trabalho (PRANDI, 1978:40).

Ora, talvez seja possível afirmar que os camelôs, por escolha própria e/ou por um aumento dos obstáculos à integração nas relações formais de trabalho (4), ao se envolverem na venda de mercadorias nas ruas (ao contrário dos informais que vivem de "bicos" e estão isolados uns dos outros), estabelecem relações de cooperação a partir da percepção de uma situação comum por eles compartilhada (5). Como sugere Telles, dessa situação emerge um mundo que vai além da vida pessoal, não sendo, portanto, encarado de uma forma meramente privada (TELLES, 1990:31). É assim que, nas ruas, a presença dos camelôs suscita inúmeros questionamentos a respeito da apropriação do espaço e da própria situação do trabalho em nossa sociedade. Logo, faz sentido indagar: é justo se apropriar das ruas para prover a própria sobrevivência? Há trabalho fora dos limites definidos pelo emprego formal, ainda mais em um período em que esses mesmos limites estão sendo redefinidos? Há legitimidade nessa situação?

Permanecendo no âmbito estritamente privado ou, quando muito, nas estatísticas (pouco relacionadas à

constituição de um espaço público), os trabalhadores informais se tornam supérfluos para a sociedade. Restritos à dimensão privada, são impedidos de serem vistos e ouvidos, fato que é de fundamental importância para o assunto aqui abordado, pois não se dar a conhecer é não existir (TELLES, 1990:33-4), tal como sugere o trecho de Hannah Arendt:

*"A privação da privacidade reside na ausência dos outros; para estes, o homem privado não se dá a conhecer e, portanto, é como se ele não existisse. O que quer que ele faça permanece sem importância ou conseqüência para os outros e o que tem importância para ele é desprovido de interesse para os outros" (ARENDR, 1983:67-8).*

Vale dizer o seguinte: os informais não se tornam supérfluos no sentido de estarem totalmente alheios em relação ao processo de produção social da riqueza. Muito pelo contrário. A própria literatura acerca da informalidade revela um ponto de inflexão no que concerne aos mercados formal e informal. Se, antes, o informal era visto com base na noção de marginalidade e de autonomia em face das relações tipicamente capitalistas, posteriormente houve uma guinada no sentido de se começar a analisá-lo como sendo determinado pelo sistema de relações de mercado. Nesse sentido, entre o formal e o informal há todo um vínculo dinâmico e intersticial (PIRES, 1995:152). Há uma relação baseada em subcontratação, prestação de serviços, venda de mercadorias e poupanças acumuladas em períodos de submissão às relações trabalhistas formais. Se assim é, a análise sobre a informalidade não se esgotaria na noção de estratégia de sobrevivência, muito menos na idéia de resistência que os mais pobres impõem ao capitalismo. Seria necessário ver a informalidade como uma "condição estrutural" desses trabalhadores em uma economia perversa (PIRES, 1995:160).

A fim de esclarecer melhor a relação acima apontada, vale a pena expor algumas idéias desenvolvidas por Prandi. Segundo ele, o trabalhador por conta própria, como já mencionado, está "fora" da oposição entre assalariados e capital, mas sua situação é profundamente determinada pelo desenvolvimento dessa relação (PRANDI, 1978:30). Nesse sentido, as atividades desenvolvidas por esses trabalhadores existem pelo fato de não terem sido assumidas de maneira intensiva pelo capitalismo. Contudo, há uma ressalva a ser feita aqui, tendo em vista que os camelôs vendem mercadorias que reconhecidamente fazem parte do processo produtivo engendrado pelo capitalismo e não, por exemplo, produtos de fundo de quintal.

Prandi também afirma que o fato de tais atividades serem oferecidas a um preço menor, se comparadas a

uma situação em que fossem empreendidas pelo sistema, contribui para o barateamento da reprodução da força de trabalho (PRANDI, 1978:40), o que significa salários mais baixos. Além do mais, essa alternativa de sobrevivência faz com que o número de desempregados não se converta em uma situação que comprometa de forma muito acentuada o sistema capitalista, mostrando incisivamente suas contradições e gerando conflitos que visem a anulá-las ou, ao menos, minimizá-las.

Além do mais, para poder existir, o trabalhador por conta própria requer duas condições básicas: o indivíduo deve ter a posse de seus próprios meios de produção e também deve haver um mercado disposto a consumir os produtos/serviços por eles comercializados (PRANDI, 1978:49). A segunda condição parece evidente quando se pensa na situação dos camelôs. Entretanto, a questão da posse dos meios de produção parece fornecer uma pista interessante no sentido de se buscar uma diferenciação em relação aos demais trabalhadores aqui aludidos, tendo em vista a conhecida existência de camelôs que não gozam nem mesmo da posse de sua própria barraca (pagam aluguel), o que parece sugerir o poder das relações tipicamente capitalistas que, mesmo na informalidade, produzem uma separação entre detentores dos meios de produção e trabalhadores, cuja única possibilidade de existência se dá pela venda de sua força de trabalho.

Esse foi apenas um pequeno apanhado das muitas idéias tecidas em torno das relações de trabalho. Importante mesmo é frisar que os informais são supérfluos no estrito sentido de que a eles não é dado o direito, legitimamente reconhecido, de questionar sua posição na sociedade. Cabe a eles o papel de amenizar conflitos que possam ser engendrados com o acirramento das contradições sociais, oferecendo mercadorias e serviços àqueles que não os podem adquirir no mercado formal e constituindo alternativas de trabalho que possibilitem a (re)produção da vida. Sem falar nos fiscais que aproveitam o ensejo e perpetuam nossa já histórica "confusão" entre patrimônio público e privado. Quanto à possibilidade de protestarem, a sociedade "pede" que se calem, pois não têm nada a dizer. Mas voltemos ao espaço público.

Há aqui uma pista ímpar para pensarmos os motivos que fizeram com que os informais ficassem relegados a um segundo plano nas teorias sociológicas, nas discussões sindicais e nas indagações que a sociedade constantemente faz a si mesma.

A incapacidade do sistema capitalista de incluir uma parcela significativa da população, gerando, assim, elevados índices de desemprego (6), que parecem não recuar tão cedo (aliás, um dos muitos argumentos

usados pelos que "esperam", de camarote, a chegada da tão falada sociedade sem trabalho), em conjunto com os laços estabelecidos pelos camelôs, seja pela percepção de uma situação comum baseada na permanência na rua, seja por relações de parentesco e vizinhança, lançam as bases para a constituição de um espaço público.

Isso permite pôr em dúvida um tipo de pensamento que julga necessário o desenvolvimento econômico para que os excluídos do mercado de trabalho estabeleçam/retomem uma situação de formalidade. O tão almejado crescimento não vêm e os grandes investimentos, quando se dão, geram um píffio número de postos de trabalho, não restando outra alternativa a esses trabalhadores a não ser vir a público, buscar uma importância e desnudar a singularidade de cada um por meio de ação e palavras. No espaço público, toda ação significa "dar início a um novo começo" (TELLES, 1990:34-5) e este pode ser visto como uma nova apropriação do espaço ou mesmo algo que revela o trabalho enquanto centro para se pensar não apenas nessa apropriação (7), mas na desigualdade que marca a vida de muitas pessoas. Mas e quanto ao discurso?

A palavra preserva a ação do esquecimento. Por meio dela, é possível dar significado aos acontecimentos (TELLES, 1990:35). Assim, a perda do espaço público, no qual ação e discurso podem proporcionar um acordo frágil e temporário de intenções (o que Arendt chama de poder), tem como consequência a produção de uma sensação de impotência ante aos acontecimentos da vida, de modo que a existência passa a ser vivida como destino e fatalidade (TELLES, 1990:37). É no espaço público que se pode reconhecer o outro como semelhante e sua ação e seu discurso podem adquirir legitimidade (8). Vindo a público, a luta por moradia, trabalho e pela própria vida é capaz de se contrapor às alternativas que se limitam à caridade, à solidariedade e à condescendência das pessoas ou das instituições, o que significa não depender de fatos sobre os quais não se tem controle (TELLES, 1990:39). Mais uma vez, a reflexão de Arendt se faz importante:

*"... a aparência – aquilo que pode ser visto e ouvido pelos outros e por nós mesmos – constitui a realidade. Em comparação com a realidade que decorre do fato de que algo é visto e escutado, até mesmo as maiores forças da vida íntima – as paixões do coração, os pensamentos da mente, os deleites dos sentidos – vivem uma espécie de vida incerta e obscura, a não ser que, e até que, sejam transformadas, desprivatizadas e desindividualizadas, por assim dizer, de modo a tornarem-se adequadas à aparição pública" (ARENDR, 1983:59-60).*

Outro ponto que deve ser salientado diz respeito ao entrelaçamento entre espaço público e ter direitos, ou seja, trata-se de uma ligação que faz com que ações e opiniões tenham um lugar na condução dos negócios humanos (TELLES, 1990:40) e isso é fundamental. Como lembra Telles, ficar reduzido ao ser humano, em geral desprovido de profissão, nacionalidade, opinião ou qualquer fato ao qual se identificar, significa não ter expressão no mundo comum e, portanto, não ter significado algum (TELLES, 1990:41). Se vir a público é existir, todos os outros informais, buscando a sobrevivência de maneira velada, carregavam nas costas o peso da inexistência política. Assim, tornava-se praticamente impossível um debate em torno das relações que unem os setores formal e informal, até porque esta questão não vinha à tona por meio do sindicalismo tradicional, pois os dilemas que afligiam os trabalhadores sindicalizados eram outros.

Isso nos coloca diante de algo que reforça uma crítica, feita por Telles, à condição do trabalho no pensamento de Hannah Arendt. Para esta, quando o trabalho passa a ser assumido como algo que confere excelência às pessoas, em detrimento das idéias de dor, esforço e pobreza, isso revela que o reino da necessidade invadiu o espaço público, comprometendo as possibilidades de liberdade humana, na medida em que não resta outra alternativa senão trabalhar, e o espaço público é justamente marcado pela liberdade de se discutir novas formas de organização social, o que faz com que esta não seja vista como algo natural e imutável. Para Arendt,

*"O fato de uma atividade ocorrer em particular ou em público não é, de modo algum, indiferente. Obviamente, o caráter da esfera pública muda segundo as atividades que nela são admitidas, mas, em grande parte, a natureza da própria atividade também muda".*

*"(...) No instante em que o labor foi liberado das restrições que lhe eram impostas pelo banimento à esfera privada – e essa emancipação do labor não foi consequência da emancipação da classe operária, mas a precedeu –, foi como se o elemento de crescimento inerente a toda vida orgânica houvesse completamente superado e se sobreposto aos processos de perecimento através dos quais a vida orgânica é controlada e equilibrada na esfera doméstica da natureza. A esfera social, na qual o processo da vida estabeleceu o seu próprio domínio público, desencadeou um crescimento artificial, por assim dizer, do natural; e é contra esse crescimento – não meramente contra a sociedade, mas contra uma esfera social em constante cresci-*

*mento – que o privado e o íntimo, de um lado, e de outro, o político, (no sentido mais restrito da palavra) mostram-se incapazes de oferecer resistência" (ARENDE, 1983:56-7).*

Não só os acontecimentos engendrados pela permanência de camelôs nas ruas, mas todos os movimentos reivindicatórios dos trabalhadores, que ajudam a fazer e contar a história da luta travada entre capital e trabalho, vão de encontro à recusa de Arendt de reconhecer o trabalho em seu potencial de gerar um espaço público (TELLES, 1990:43). Jacques Rancière, em seu texto chamado "O Dissenso", sugere uma idéia interessante para o debate em questão. De acordo com ele, a lógica do privado, do ambiente doméstico, não permite que os indivíduos sejam reconhecidos como pessoas que têm algo a dizer, o que significa, em termos do pensamento de Hannah Arendt, como já foi frisado, não possuir lugar no tratamento dos acontecimentos sociais.

*"Para recusar a uma categoria de seres, por exemplo os trabalhadores ou as mulheres, o estatuto de seres políticos, basta constatar que eles pertencem a essa ordem doméstica que é o contrário da política. E, para que essas coisas mudem, não é suficiente que se passe da casa à fábrica e do escravo ao trabalhador juridicamente livre. Na lógica policial da repartição dos espaços e das funções, o trabalhador livre permanece membro apenas do espaço doméstico. O espaço do trabalho é um espaço privado em que um indivíduo nomeado empregador propõe condições a um número 'n' de indivíduos que – cada um por sua conta – as aceitam ou as recusam. Conseqüentemente, se esses indivíduos interrompem juntos o trabalho, se pedem para negociar com o empregador e, mais ainda, com o conjunto dos empregadores suas condições de trabalho, se levam essa questão ao Estado e à opinião pública, eles pedem algo impossível, que não tem sentido. Seu movimento portanto só é audível como um ruído de corpos sofredores irritados, ruído que a intervenção da autoridade pública deve fazer cessar" (RANCIÈRE, 1996:375-6).*

O pensamento de Rancière merece que nos detenhamos um pouco em suas palavras, a fim de esclarecer melhor o já referido potencial político do trabalho. Antes, porém, é necessário tecer uma elucidação a respeito do significado do termo política, apesar deste ser um dos objetivos do trabalho como um todo.

A política está diretamente vinculada à criação de um espaço que permita uma reflexão a respeito dos acontecimentos e constrangimentos sociais, o que re-

mete à constituição de princípios de diferenciação entre o certo e o errado, o possível e o impossível, o permitido e o proibido, a razão e a desrazão (TELLES, 1990:44-5). A política reivindica um permanente questionamento da sociedade, principalmente no que concerne às suas representações e imagens relacionadas à condição de classe, sexo, idade, cor, trabalho, moradia (9).

Ora, esse questionamento se explicita, segundo Rancière, como um escândalo. Para esse autor, o surgimento da democracia, por exemplo, indica a ruptura de uma lógica de dominação, vista como natural, ao sugerir o governo do povo, sendo este nada mais nada menos que a parcela dos que não possuem títulos que lhes permitam governar (10). Tal proposta, do ponto de vista das classes dominantes, era um sonoro absurdo.

Diz Rancière:

*"A democracia é o poder do povo, do demos. Mas o que se entende exatamente sob esse nome? O demos, em Atenas, é constituído primeiramente pelos pobres. Mas pobres não é simplesmente uma categoria econômica, relacionada a um nível de recursos; é bem mais uma categoria simbólica, uma posição no mundo daquilo que se vê e se considera: pobres são as pessoas reais, as que não possuem nada, nenhum título para governar, nenhum título de valor a não ser o fato de terem nascido ali e não alhures. Esse nome para nós banal significa portanto originalmente uma ruptura inédita, a instituição de um mundo às avessas para todos os que pretendem fazer valer um título para governar. Significa que governam especificamente os que não têm nenhum título para governar" (RANCIÈRE, 1996:370).*

A política não vem naturalmente. Trata-se de um desvio extraordinário, fruto de acaso ou violência (RANCIÈRE, 1996:371), enfim, de focos não dominados plenamente pelo poder (LEFORT, 1983:56).

Aqui, a política é uma afronta à polícia, ou seja, àquilo que leva à vigilância, à repressão e à ordem (RANCIÈRE, 1996:372). Quando a polícia afirma o princípio do cada um em seu lugar e em sua função, a política a desafia e propõe um conflito sobre a configuração do mundo em termos dos assuntos a serem tratados, dos atores vistos e ouvidos (RANCIÈRE, 1996:373). Indo de encontro à concepção que define a rua como local de circulação e ao restabelecimento da ordem por meio dos camelódromos, os camelôs desafiam a lógica policial, fixam-se nas ruas e procuram o trabalho no local em que se resume o drama do desempregado, ou seja, de quem está no olho da rua.

A reflexão de Jacques Rancière parece, em alguns aspectos, muito próxima da discussão sobre o espaço público, que faz parte das preocupações de Hannah Arendt. Além da já referida reconfiguração do mundo, a política é a busca por uma voz capaz de manifestar o justo e o injusto, o que demonstra a tentativa que alguns setores fazem no sentido de obter o reconhecimento de tudo o que é digno de ser visto e ouvido (RANCIÈRE, 1996:373). O que está em jogo é uma disputa para ter a voz integrada em uma percepção de mundo (RANCIÈRE, 1996:374). A política apresenta vozes que tiram a mordida e pedem o impossível. Para muitos, é isso que os camelôs pedem quando se apropriam de praças e ruas para prover a subsistência, sem o recolhimento dos impostos referentes às suas atividades. Aliás, a legalidade merece uma discussão um pouco mais detalhada, sobretudo quando se trata de Brasil. Nesse sentido, a obra *"Metrópole na Periferia do Capitalismo"*, de Ermínia Maricato, prima pela forma como aborda o assunto e suas peculiaridades.

A discussão a respeito do processo de ocupação do solo urbano, que estabelece um abismo entre a cidade legal e a real, sendo esta caracterizada pela ocupação clandestina por parte dos mais pobres (11) e pelas tragédias decorrentes dessa situação (incêndios em cortiços e favelas, desmoronamentos de encostas habitadas de maneira precária, enchentes, despejos, epidemias) (MARICATO, 1996:13), faz transparecer uma situação ambígua no interior do aparato estatal.

*"De um lado, imprevisto, carência de recursos diante da gigantesca demanda de problemas acumulados na cidade clandestina; de outro, vigor normativo e ação cartorial. Tudo de baixo do mesmo teto, no edifício de uma instituição pública, mas separadas por uma distância infinita: o desconhecimento mútuo" (MARICATO, 1996:14).*

Tal situação está diretamente vinculada ao valor imobiliário das localidades. Assim, quando o mercado diz "isso tem alto valor", a legislação é aplicada. Quando se cala, são lançadas as bases das ocupações sem infraestrutura adequada. Buscando as raízes desse tipo de acontecimento, Maricato revolve a história e chega ao período colonial, marcado por profundas ambigüidades.

A constituição da mão-de-obra livre destaca uma das ambigüidades mencionadas. Não houve assalariamento. Predominou, sim, as relações baseadas no mando, na dominação pessoal e no favor (MARICATO, 1996:32). As relações trabalhistas estavam marcadas pela ordem escravocrata. Citando as obras *"Trabalho e Vadiagem"*, de Lúcio Kowarick e *"Homens livres na ordem escravocrata"*, de Maria Sílvia de Carvalho Franco, Maricato afirma que o imaginário dos proprietários e dos

homens livres herdara duas visões distintas: estes consideram o trabalho regular e disciplinado como degradante, ao passo que aqueles consideravam os homens livres como vadios, indolentes e imprestáveis (MARICATO, 1996:34).

Assim sendo, a modernização se deu com a manutenção de princípios arcaicos. O discurso liberal escondia relações de poder antigas, que persistiam quando estava em jogo a eliminação de privilégios (MARICATO, 1996:37). Além do mais, a Lei de Terras de 1850 (12) já anunciava um processo concentrador que produziria excluídos. A própria formação de grandes latifúndios, por meio da expulsão de pequenos posseiros, muito contribuiu para reforçar tal processo. Tudo isso continuou ocorrendo, a despeito do declínio do mundo agrário. Segundo Maricato, as cidades foram assumindo grande importância como local de crescente produção industrial e também como mercadoria, dada a consolidação dos empreendimentos imobiliários. Paralelamente, as reformas urbanísticas geraram um processo de expulsão da "massa sobrando" (negros, pedintes, pessoas sem documento, desempregados) dos pontos mais valorizados (MARICATO, 1996:38). Onde o dinheiro enxerga possibilidades de lucro, é preciso manter a aparência de ordem e limpeza, o que, no fundo, significa esconder as contradições de um sistema social e econômico que mantém um discurso a respeito de tendências de integração. Este, porém, é constantemente desmentido pelas desigualdades sociais que se interpoem entre as classes.

Levando-se em conta o que foi anteriormente dito, a presença dos informais nas ruas reivindica a constituição de um espaço público para que sua situação (tanto no que diz respeito à relação entre os mercados formal e informal como à ambigüidade na formulação e aplicação das leis) seja alvo de discussões. Assim, os camelôs constituem sujeitos políticos no sentido atribuído por Rancière, ou seja, são aqueles não contados e que estão em situação precária (RANCIÈRE, 1996:377-8), muitas vezes tendo suas demandas desqualificadas por serem vistos como simples parcelas que desejam tão somente satisfazer seus próprios interesses (questiúnculas diante das "grandes" questões sociais). Por falar nisso, a quem cabe a definição destas?

Estão à margem nas obras acadêmicas e fora dos setores industrializados (berço do sindicalismo nacional). Talvez por isso, possam ajudar a perceber que o trabalho não se resume a emprego e ainda mantém um alto potencial enquanto elemento estruturador da vida das pessoas. Ao que tudo indica, cabe ainda ao trabalho a difícil tarefa de revelar as contradições sociais em suas mais variadas formas e de abrir trilhas para sua superação.

## REFERÊNCIAS

(1) Para ver algumas das idéias mais importantes a respeito do fim da sociedade do trabalho, pode-se consultar obras como GORZ, André. *Adeus ao Proletariado: para além do socialismo*. Rio de Janeiro, forense Universitária, 1982; KURZ, Robert. *O Colapso da Modernização: da derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1996; OFFE, Claus. *Trabalho e Sociedade*. Vol. 1. Rio de Janeiro, Edições Tempo Brasileiro, 1989.

(2) O comércio informal estabelece uma distinção entre os atores nele envolvidos e, por exemplo, os mendigos. Os camelôs são excluídos do trabalho formal, mas não do campo econômico, ou seja, do sistema de relações de oposição e afinidade, dentro do qual ocorrem lutas pela obtenção de capital material (renda) e pelo estabelecimento de crenças a partir das quais os meios empregados em tais disputas são considerados legítimos ou não. Segundo Bourdieu, existir no campo é gerar efeitos, mesmo que sejam forças que ofereçam alguma resistência ou que atuem no sentido da exclusão propriamente dita. É no campo que os camelôs (os "heréticos" ou pretendentes) participam de uma disputa por reconhecimento, já que não se enquadram perfeitamente nos limites que definem as condições para um vínculo "verdadeiro" no campo, limites esses determinados segundo os interesses daqueles (os "ortodoxos") que ocupam as posições dominantes. Participam de uma luta pela imposição de limites mais favoráveis a seus interesses, ou seja, pela imposição de um ponto de vista legítimo sobre o campo (BOURDIEU, 1996:253), e as possibilidades de sucesso dependem sempre de alguns reforços (por exemplo, novas clientelas que, no caso dos camelôs, são as pessoas que se dispõem a adquirir os produtos por eles comercializados) (BOURDIEU, 1996:264-5). Assim sendo, a palavra excluído seria melhor empregada àqueles que não conseguem nem mesmo participar de tais disputas (os mendigos e indigentes, por exemplo), formando o contingente daqueles que não têm lugar na vida social.

(3) As idéias aqui apresentadas se referem à obra de Hannah Arendt e foram baseadas em seu texto "As Esferas Pública e Privada", que é parte do livro *A condição Humana*, e no artigo *Espaço público e privado na constituição do social: notas sobre o pensamento de Hannah Arendt*, escrito por Vera da Silva Telles.

(4) Trata-se de uma tarefa extremamente complicada a distinção entre vontade própria e carência de alternativas de trabalho, pois é preciso destacar o grande contingente de migrantes que talvez valorizem uma concepção de trabalho não enquadrada perfeitamente nas atividades exercidas nos centros urbanos. Nesse senti-

do, o comércio de rua pode estar mais próximo de um ideal que não encontra seu espaço nos empregos em que é mais nítida a separação entre capital e trabalho, patrão e empregado (traços característicos dos padrões de organização fordista e taylorista). Como exemplo desse desencontro, é muito sugestivo o trabalho de Antonio Candido a respeito da cultura caipira paulista. Valorizando uma situação que permitia uma certa margem de autonomia, as novas formas de trabalho, mais intensas e regulares, foram legadas ao escravo e ao colono europeu, já que o caipira "não pôde, não soube ou não quis" se submeter a tal situação (CANDIDO, 1979:80). Os modernos modos de organização requerem a adaptação do trabalhador ao trabalho e uma atenção perseverante no esforço produtivo. Aqui não há espaço para caprichos individuais. Está em jogo um ideal de trabalhador despersonalizado (HOLANDA, 1999:84). "Para o empregador moderno o empregado é um simples número: a relação humana desaparece" (HOLANDA, 1999:142). As próprias músicas, presentes nos locais ocupados pelos camelôs, muito mais que mera propaganda para a venda de CDs e cassetes, sugerem a ausência de uma separação nítida entre trabalho e lazer, tal como nos mutirões tão comuns nos meios rurais e que, segundo Sérgio Buarque de Holanda, são motivados mais pela expectativa de auxílio recíproco e pela excitação provocada pelas ceias, danças e desafios, que por um ideal de trabalho (HOLANDA, 1999:60). Além do mais, aspectos como alta rotatividade de empregos, aumento do tempo médio em que se fica desempregado, ausência de um nível de escolaridade que propicie condições de regularidade das relações formais (se é que é possível pensar nesses termos, hoje em dia) dão sua contribuição para o desenvolvimento do mercado formal, como será esboçado adiante. O próprio processo migratório, fenômeno necessário à satisfação da necessidade de mão-de-obra engendrada nos centros urbanos, coloca em xeque os limites entre vontade própria e carência de alternativas. Mas não é essa a questão central desse trabalho.

(5) É preciso deixar bem claro que talvez não se trate de uma situação moderna, no sentido de que esses laços sejam motivados por supostos ideais abstratos de união de classe, ou mesmo por interesses comuns, embora estes não estejam totalmente ausentes. É perfeitamente viável afirmar que estamos diante de formas de mobilização calcadas em relações pessoais (de amizade, vizinhança e família), arraigadas no espírito do brasileiro, como bem sugerem clássicos como *Raízes do Brasil*.

(6) Para se ter uma idéia, basta ver os 20,3% de desempregados existentes na região da Grande São Paulo (pesquisa feita pela Fundação SEADE em conjunto com o DIEESE, no mês de abril de 1999), ou mesmo os 20,1% referentes ao mês de julho.

(7) A forma que os camelôs encontraram para sobreviver e conferir legitimidade à vida remete a uma situação em que a questão do espaço e sua apropriação está diretamente ligada ao trabalho. Isso revela algo novo em relação aos vários estudos acerca do espaço, em que o enfoque é voltado ou para a questão da moradia propriamente dita ou para o planejamento urbano.

(8) Os últimos acontecimentos que envolveram vereadores e fiscais da prefeitura de São Paulo aparentam ser muito sugestivos no que diz respeito a essa questão. A partir do momento que eles se dispõem a fazer denúncias relativas a extorsões levadas a cabo por membros do governo, muito mais que se livrar dos gastos decorrentes dessa situação ou se fazerem passar por vítimas, os camelôs desejam ser reconhecidos pela sociedade. Buscam uma legitimidade com base em um tema que tende a construir um consenso entre pessoas e instituições, ou seja, o combate à corrupção. Depõem porque querem mostrar que têm algo a dizer.

(9) De uma certa forma, isso está presente no pensamento de Claude Lefort, mais especificamente em termos de uma linguagem de direitos que permita pôr em xeque a ordem estabelecida por meio da possibilidade de se opor ao poder instituído (LEFORT, 1983:55-6).

(10) Ao se referir à revolução pernambucana de 1817, Sérgio Buarque de Holanda apresenta um dos muitos argumentos contrários a tal acontecimento. Aliás, muito elucidativo quanto à desqualificação atribuída às classes populares. Referindo-se ao tal argumento, diz ele: "É difícil, em todo caso, negar qualquer parcela de sinceridade ao documento em que (a referida pessoa) manifesta sua áspera repulsa à tendência, ao menos teórica, de uma revolução que pretendia abolir todas as barreiras sociais, nivelando-o, e aos demais membros da classe superior: com as camadas ínfimas da população. Ou, para repetir suas mesmas palavras, a um 'sistema que, derrubando-me da ordem da nobreza a que pertencia, me punha a par da canalha e ralé de todas as cores e me segava em flor as mais bem fundadas esperanças de ulterior avanço e de mores dignidades'" (HOLANDA, 1999:86-7).

(11) Segundo a autora, a ilegalidade está presente em mais de 50% das construções existentes nas grandes cidades brasileiras.

(12) A Lei de Terras nº 601, de 18 de setembro de 1850, ao determinar que as terras devolutas só poderiam ser adquiridas por meio de compra e venda, tornava praticamente impossível o acesso à propriedade por parte dos pobres (MARICATO, 1996:35).

## BIBLIOGRAFIA

- ARENDET, Hannah. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1983.
- BOURDIEU, Pierre. *As Regras da Arte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- KOWARICK, Lúcio. *Trabalho e Vadiagem. A origem do trabalho livre no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- LEFORT, Claude. *A Invenção Democrática*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- MARICATO, Ermínia Terezinha Menon. *Metrópole na Periferia do Capitalismo*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- PIRES, Elson Luciano Silva. *Metamorfoses e Regulação: o mercado de trabalho no Brasil dos anos 80*. São Paulo, 1995. Tese (doutorado) - Depto. de Sociologia, Universidade de São Paulo.
- PRANDI, José Reginaldo. *Trabalhador por Conta Própria sob o Capital*. São Paulo: Símbolo, 1978.
- RANCIÈRE, Jacques. "O Dissenso". In: NOVAES, Adauto (org.). *A Crise da Razão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- TELLES, Vera da Silva. *Espaço Público e Espaço Privado na Constituição do Social: notas sobre o pensamento de Hannah Arendt*. Tempo Social. Rev. Soc. USP, São Paulo, v.2, n.1, p.23-48, 1º semestre 1990.

# Essencialismo Étnico: Usos e Abusos (A Coluna "Black" da Folha de São Paulo)

André Augusto Brandão \*

**Resumo.** *Este artigo pretende discutir as imagens sociais produzidas acerca do negro na sociedade brasileira, e as formas culturais que este grupo étnico constrói.*

*A base de pesquisa utilizada foram os artigos da coluna "Black" do Jornal Folha de São Paulo, publicados entre outubro de 1994 e dezembro de 1998.*

*Foi possível verificar que estereótipos e essencialismos produzidos sobre os negros podem ser usados positivamente por este grupo como estratégia para assegurar meios específicos de sobrevivência econômica.*

**Palavras-chave:** relações raciais, questão étnica, imprensa.

**Abstract.** *This article intends to discuss the social images related to black people in Brazilian society and the cultural forms that this ethnic group builds.*

*This research was based on articles of the "Black" upright section of Folha de São Paulo Newspaper, published between October, 1994, and December, 1998.*

*It was possible to verify that stereotypes and essentialisms created about black people can be used positively by them as a strategy to assure specific means of economical survive.*

**Key words:** racial relations, ethnic issues, press.

## I. SOBRE ESSENCIALISMO E NEGRITUDE

Nas estações de metrô do Rio de Janeiro, encontramos uma interessante propaganda institucional. Em vários painéis, a companhia gestora tenta convencer os passageiros de que o metrô é o mais rápido meio de transporte coletivo da cidade. Um dos painéis mostra a foto de um homem branco, de presumíveis 35 anos, vestindo camisa social e gravata. Este pergunta: "Sabe porque só ando de metrô?" E responde: "porque tempo é dinheiro". Outro painel, poucos metros adiante, mostra a foto de um homem negro também com presumíveis 35 anos, vestindo uma camisa "sport" em tecido jeans. Este faz a mesma pergunta que o homem branco, e responde: "porque tomar café da manhã com pressa faz mal".

O homem branco é associado a uma profissão de "colarinho branco" ou de comando, e com sua resposta, que remete a poupar tempo para ganhar dinheiro, sugere-nos a idéia de ser um executivo. O homem negro, que não está vestido com a roupagem típica de quem trabalha em uma profissão qualificada ou de maior prestígio social, pensa somente em tomar um café da manhã sem sobressaltos para chegar – cedo – no trabalho, su-

gere-nos uma idéia profissional vaga, um comerciante ou um operário industrial. De qualquer forma a mensagem parece clara: o negro trabalha, o branco ganha dinheiro.

Esta essencialização de grupos étnicos como portadores inexoráveis de características que se materializam em comportamentos, culturas, e até mesmo lugares na estrutura produtiva, é alvo das discussões empreendidas por BHABHA (1998). Para este autor, que se coloca no campo da crítica "pós-colonial", importa caracterizar os processos a partir do qual a razão ocidental classificou de forma essencial os povos coloniais (classificação que se reflete ainda hoje nas relações que se estabelecem entre os países ocidentais e os países de passado colonial e entre os primeiros e as minorias étnicas lá existentes). Esta essencialização aparece no pensamento ocidental como "narrativas de subjetividades originárias" (BHABHA, 1998: 19). Na perspectiva de BHABHA (1998), as novas identidades pós-coloniais para se formarem precisam contestá-las e destruí-las.

Toda a argumentação de BHABHA (1998) segue na direção de afirmar que as diferenças entre as culturas não são o "reflexo de traços culturais ou étnicos preestabelecidos inscritos na lápide fixa da tradição", ou que exista algo como uma "identidade original ou tradição 'recebida'" (BHABHA, 1998: 20-21).

\* Professor da UFF - Universidade Federal Fluminense.

Ainda que os "povos subordinados" carreguem como necessidade política a afirmação de tradições culturais e históricas, estas iniciativas guardam o perigo de construir identidades fixas e cristalizadas como culturas coloniais, com a celebração do passado e a perspectiva de homogeneização do presente.

Na posição de BHABHA (1998), a essencialização de culturas e etnias é parte da noção liberal de "multiculturalismo" ou "diversidade cultural". Mais precisamente, a noção de diversidade consiste em uma:

*"... retórica radical da separação de culturas totalizadas que existem intocadas pela intertextualidade de seus locais históricos, protegidas na utopia de uma memória mítica de uma identidade coletiva única." (BHABHA, 1998: 63).*

A proposta de BHABHA (1998), portanto, consiste na conceitualização de cultura internacional como algo fundado no "hibridismo" das formas culturais e não no multiculturalismo que toma o não ocidental como exótico. Isto porque a diversidade cultural lê o "sujeito colonial" no campo do imagético, do fantasioso, enfim de forma estereotipada. (1)

Se as diferenças não são o efeito de essenciais identidades totalizantes fundadas no passado, quais são suas demarcações? São as performances, a negociação dos espaços culturais, o retraçar das fronteiras. Nesta perspectiva pós-colonial aparece como ponto político fundamental a luta contra a fixação essencialista do campo étnico.

Mas retornemos aos painéis do metrô do Rio de Janeiro e seu essencialismo. Estes são somente uma amostra da velada e complexa quase segmentação racial do mercado de trabalho, que sobredetermina as diferenças sociais e econômicas entre brancos e negros (2) no Brasil, o que já foi demonstrado em inúmeros estudos.

OLIVEIRA et al (1985) trabalham com dados oriundos da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) (3) – IBGE – 1976, para concluir que "a raça permanece um princípio classificatório importante na sociedade brasileira" (OLIVEIRA et al, 1985: 79), na medida em que a posição sócio-econômica dos afro-descendentes ("pretos" e "pardos" na classificação do IBGE) apresenta sempre déficit em relação à população "branca", seja na escolaridade, seja na remuneração, seja no acesso às profissões de maior prestígio social.

LOVELL (1995) trabalha com dados censitários de 1960 e 1980 para demonstrar que apesar do Brasil ter verificado entre 1956 e 1984 um crescimento econômi-

co médio de aproximadamente 7% ao ano, este período não foi suficiente para dissolver as desigualdades sócio-econômicas e espaciais existentes entre os brancos e a população afro-descendente no que tange principalmente a: lugar de moradia, anos de educação formal, profissão e renda; o que confirma a existência de práticas de exclusão na sociedade brasileira contemporânea. A autora chama ainda a atenção para a relação direta entre emprego/renda e bem-estar individual, o que aponta, considerando a diferença entre os dois grupos raciais, o peso que esta variável possui na demarcação das possibilidades de acesso em geral aos bens materiais e culturais.

SANT'ANNA e PAIXÃO (1997) nos dão indicações, ainda que gerais, sobre os anos 1990. Os autores apresentam dados da PNAD-1987 que são extremamente elucidativos. Da população ocupada em 1987, 38,85% dos pretos ganhavam até 1 salário mínimo, nos pardos o percentual chega a 35,1% e nos brancos 18,6%. No que tange à faixa superior a 10 salários mínimos, somente 1,2% dos pretos e 2,5% dos pardos alcançavam, enquanto entre os brancos, percebiam salários nesta faixa 9,3%. Neste mesmo ano, 47% dos pretos e 51% dos pardos trabalhavam sem carteira assinada, enquanto os brancos nesta condição equivalem a 35%. A taxa de analfabetismo entre pretos e pardos maiores de 25 anos de idade era de respectivamente 35,2% e 33,6%; entre os brancos era de 15%. A conclusão inequívoca aqui é que a raça é ainda uma variável fundamental para alicerçar estudos que pretendam compreender a lógica da exclusão social no Brasil.

Para além destes elementos macroeconômicos que guardam enorme importância para que possamos pensar os quadros gerais em que se processam as relações raciais no Brasil, é necessário compreender quais as estratégias que os negros desenvolvem frente à exclusão do mercado de trabalho. Esta é uma das preocupações que aparecem em uma série de artigos de SANSONE. (4)

Elaborando discussões sobre a "cultura negra" em Amsterdam, em bairros pobres da Região Metropolitana de Salvador, ou comparando ambas, SANSONE tem demonstrado que a partir dos anos 1980 podemos reconhecer no Brasil o uso mais intenso de símbolos que se vinculam a uma origem afirmada como africana, com forte presença no campo da mídia e do lazer. Essa constatação suscita inúmeras discussões e inicialmente nos coloca no âmbito do que poderíamos denominar "cultura negra". Em SANSONE (1995 e 1999) encontramos uma interessante definição. A "cultura negra" seria uma subcultura mais específica de uma cultura africana-americana maior, localizada em sociedades nas quais a cor ou a descendência de indivíduos de determinada cor funciona como um elemento importante em processos soci-

ais de diferenciação e discriminação de grupos ou pessoas. Haveria, como elemento importante de "coesão" da cultura negra, o passado escravo. Este passado também remete à África que, segundo SANSONE (1995 e 1999), é usada como um "banco de símbolos". No entanto, a forma, através das quais estes símbolos são sacados, depende das condições sócio-econômicas locais e principalmente do formato que ganham as relações raciais em países diferentes.

Um ponto importante apontado por SANSONE (1995 e 1999) é a grande interdependência entre a cultura negra e a modernidade urbana no Ocidente. Esta seria a explicação para a difícil expressão comunitária dos negros. Ou seja, os negros, através da afirmação étnica, têm construído uma "nova etnicidade" que não se cristaliza em uma cultura sistemática ou uma identidade coletiva, e que via de regra não impulsiona movimentos de protesto nos moldes políticos dos movimentos de trabalhadores, por exemplo. Assim, em sua "rebeldia", os negros jovens expressam sua diferença relativa principalmente através da desinibição com a negritude (e afirmação desta: o cabelo, a roupa, a música). Neste sentido, uma característica recorrente desta cultura negra se encontra no uso do corpo e na "manipulação da aparência física" (SANSONE, 1995: 66).

Há também características que são semelhantes nas várias "culturas negras", ou seja, nos vários países da diáspora negra, onde estes, como minoria étnica ou não, produzem ou rearticulam sincreticamente formas culturais. Estas características comuns podem suscitar diferentes explicações. Se os afro-centristas acreditam num vínculo primário dos negros com uma cultura africana ancestral, é possível reconhecer a existência de outros caminhos, ligados às históricas trocas internacionais através do Atlântico Negro (5), como afirma GILROY (1995) – em um claro movimento de crítica ao "absolutismo étnico" – a cultura negra é o resultado, entre outras coisas, dos

*"... Blacks dispersed within the structures of feeling, producing, communicating and remembering that I have heuristically called the Black Atlantic." (GILROY, 1995: 3).*

O barco constitui uma imagem importante para representar esta comunicação atlântica de projetos, idéias, movimentos, elementos culturais etc.

Ainda sobre esta questão SANSONE (1999) afirma a existência de um elemento de homogeneização das experiências, contida no passado de escravidão e deportação, no racismo ainda presente (embora mais sutil). Outro ponto de ligação entre culturas negras no mundo vem do fato de que os negros estão concentrados sem-

pre na base da pirâmide social dos países multirraciais em que vivem. Neste sentido PIERUCCI (1999) fala de proximidade ancorada em formas parecidas de exclusão:

*"... a possibilidade de uma identificação comum está no fato de que as comunidades negras, por mais diferentes que se saibam em recursos culturais e em passado histórico, têm sido, não obstante, olhadas e tratadas pela cultura dominante do Ocidente como 'a mesma coisa'. Está na experiência da discriminação-com-exclusão. Discriminação racial com exclusão social." (PIERUCCI, 1999: 158).*

No que tange à especificidade da cultura negra que se desenvolve no Brasil, há um forte condicionamento da colonização Ibérica. Aqui, portanto, as relações raciais comportam uma miscigenação muito maior do que a ocorrida nos países de colonização inglesa e mesmo francesa ou holandesa. Desta miscigenação resulta um "continuum de cor" que é significativo para a compreensão de nossas relações raciais. Outra especificidade vinculada à colonização Ibérica é a igreja católica romana que desde o início do escravismo colonial obrigava os negros recém-chegados à conversão e os aceitava como "povo de deus". Os negros, por sua vez, reinterpretaram o catolicismo e produziram novas linguagens religiosas híbridas (esta tradição de hibridismo religioso é hoje classificada como "impura" por alguns segmentos negros – esta dialética pureza / manipulação é muito comum nas formas que assume a cultura negra; a pureza como o que está próximo das raízes africanas e a manipulação como o sincretismo que pode articular tanto elementos da cultura branca, quanto de uma "modernidade geral").

A permeabilidade religiosa, a miscigenação elevada e a conseqüente não-polarização das relações raciais gerou uma "heterofobia" (SANSONE, 1999), ou seja, uma negação generalizada da diversidade e diferença cultural e uma afirmação forte da nacionalidade brasileira.

Neste ponto vale retomar o texto de RENAN (1990) (6), que nos quadros de uma postura anti-essencialista, que recusa qualquer critério de pertencimento nacional objetivo, toma a nação como sendo formada por uma seqüência histórica de fatos em maior ou menor medida aleatórios, de conquistas bélicas e de divisões territoriais casuísticas. Neste processo de construção da nação afirma que os indivíduos não somente devem ter algo em comum, mas que, fundamentalmente, devem esquecer o passado. Isto significa esquecer as lutas, os massacres, os genocídios e a supressão forçada das diferenças culturais, que representaram o domínio final de um grupo (que para Renan seria étnico) que terá o poder de nomear

a nação. A afirmação da nacionalidade brasileira pressupõe que negros e índios realmente esqueçam muitas coisas.

Mas qual a relação entre a cultura negra no Brasil e a "exclusão" deste grupo do mercado de trabalho?

Em pesquisa realizada na Região Metropolitana de Salvador, mas em nossa opinião passível de generalização – desde que cuidadosa – para o restante das áreas metropolitanas do Brasil, SANSONE (1999) encontra um contingente muito elevado de jovens negros (até 25 anos) em situação de desemprego, embora estes possuísem escolaridade superior à de seus pais (que não enfrentavam uma situação tão drástica no mercado de trabalho). Este percentual de desemprego deve ser relativizado, a partir de elementos muito significativos. Ou seja, os jovens que atuavam em atividades informais (biscates) preferiam se denominar desempregados, pois esta situação lhes parecia menos estigmatizante do que o trabalho manual desqualificado e mal remunerado.

Estas representações se vinculam, entre outras coisas, a uma generalização da escola básica e da crença na ascensão social via educação (7). Como tal ascensão não se verifica de fato, o descontentamento desta geração com suas condições sócio-econômicas é muito maior que o da geração anterior. Neste descontentamento estão incluídas as possibilidades de trabalho que a economia reserva para serem disputados por indivíduos com pequena (ou nenhuma) qualificação para o mercado de trabalho. Assim, ocorre o que SANSONE (1999) denomina "auto-exclusão" do mercado de trabalho.

Estes jovens recusam os trabalhos que avaliam como "indignos" e esperam trabalhos que consideram "dignos" e "adequados". Desta opção derivam várias situações de busca do mercado informal, do crime, do uso do corpo (via prostituição ou não), por expedientes ligados ao embelezamento (penteados e tranças "étnicas") ou via arte (principalmente a música e a dança).

Esta auto-exclusão pode estar vinculada com uma perspectiva de antagonismo em relação aos brancos, negando trabalhos impostos aos negros ou de integração a estes pela via da mídia e do lazer. Aqui vale retomar uma idéia interessante que aparece em SANSONE (1995) acerca da existência de áreas duras e moles nas relações raciais no Brasil. As primeiras ligadas ao mercado de trabalho, aos contatos sentimentais e amorosos, e aos contatos com a polícia; onde o preconceito ainda se impõe com força. Nas segundas estão o lazer, os contatos religiosos; estas, as áreas moles, são aquelas onde o fato de ser negro não impõe obstáculos. Mas haveria também

um domínio que SANSONE (1995) denomina "espaço negro" onde o fato de ser negro, pode ser uma vantagem e mesmo significar prestígio. Neste domínio SANSONE (1995) aponta os blocos afro, a batucada, a capoeira e o terreiro, mas poderíamos acrescentar (pensando no conjunto das áreas metropolitanas brasileiras) no rap, no embelezamento "étnico" etc.

Este último domínio constitui com frequência o ponto de fuga que ocupa uma parcela – obviamente minoritária – dos negros que são excluídos ou se auto-excluem do mercado de trabalho desqualificado. É neste ponto que a construção de uma nova etnicidade se coloca.

Como afirma SANSONE (1999) há uma internacional "classificação do corpo negro" como portador de uma disposição congênita para a música, a dança, os esportes etc. O negro é tomado como sensível, fisicamente desenvolvido, lúdico e próximo da natureza. Esta caracterização essencialista, se, por um lado, aprisiona o negro numa posição anti-moderna (porque vinculado à natureza e não à racionalidade, porque natural e não tecnológico), por outro é, em contextos nacionais diferentes, tomada pelos próprios negros e utilizada para se apoderar de nichos do mercado de trabalho.

Embora haja uma forte tendência das "culturas negras" locais a tomarem o modelo de etnicidade negra norte-americana como padrão universal, devemos reparar que, aqui, as expressões afro-brasileiras, são totalmente permeáveis aos brancos (seja na religião, na música ou na moda).

SANSONE (1999), apoiado em GILROY (1993) afirma que a "cultura negra" brasileira apesar de suas especificidades é formada também pelos símbolos negros que circulam pelo "Black Atlantic", com forte influência da Jamaica (o reggae) e dos Estados Unidos (funk e rap).

Mas qual a relação entre cultura negra e identidade étnica negra? Com base em suas pesquisas na Região Metropolitana de Salvador, SANSONE (1999) afirma que as opções de auto-exclusão dos negros do mercado de trabalho não estão relacionadas a atitudes étnicas ou fundadas na etnicidade, mas à construção de caminhos individuais de ascensão social, por fora dos lugares "reservados" aos pobres. (8)

Igualmente não há no Brasil um "voto negro" nos pleitos eleitorais, ou seja; há mais "cultura negra" que "identidade negra". Aqui devemos propor uma diferenciação entre ambos, através da noção básica de que a identidade étnica:

*"...pode ser entendida como aquela dimensão da identidade social relacionada ao fato de pertencer a um grupo étnico. Além de sua dimensão social – a coesão étnica, a organização social de um grupo étnico – ela contém uma dimensão de natureza ideológica." (SANSONE, 1992:144).*

Já a "cultura negra" não se refere diretamente a formas de coesão e luta política (embora possa ser usada para tal), mas sim a elementos que remetem à etnia (que podemos vagamente definir como o sentimento de uma origem histórica comum) e que podem ser utilizados de forma híbrida com outros valores, e de forma individual ou coletiva.

Assim, no Brasil é latente um caráter "negociado" e pouco fixo das identidades étnicas; que se diferencia substancialmente de uma etnicidade negra "imaginada" (9) (com uma representação do passado), que consiste numa reserva internacional de símbolos, tomada pelas várias formas que pode assumir a "cultura negra".

A etnicidade, portanto, pode significar parte ou mesmo elemento estruturador de estratégias de sobrevivência em face da exclusão e auto-exclusão do mercado de trabalho.

As formas de manipulação do étnico fazem parte de mecanismos que são produzidos em relação ao cotidiano local (assim há uma diferenciação entre a etnicidade negra na Bahia e no Rio de Janeiro, e entre o Brasil e a Holanda, por exemplo), entendido em sentido amplo (cultural, econômico e social). Ou seja, os negros podem optar por construções étnicas fechadas ou abertas aos brancos; pelo maior ou menor uso do corpo; por preencher um segmento do mercado de lazer; ou optar pelo status religioso; enfim o que resulta disso tudo é que não há uma forma de sobrevivência que seja por essência particular aos negros. (10)

SANSONE (1999) nos fala, assim, de uma juventude negra com expectativas de consumo e bem-estar muito acima do lugar sócio-econômico que em grande maioria ocupam (11) e dos trabalhos difíceis e mal-remunerados que encontram. Neste quadro de difícil acesso às perspectivas de consumo colocadas pela metrópole moderna, a inclusão do racismo e a auto-valorização através da leitura positiva do estereótipo essencialista aparecem como interessante estratégia de aquisição de status e renda.

O racismo ocidental essencializa o corpo negro do outro lado da modernidade (mais para tambor do que

para computador), como seres eternamente vinculados à natureza do ancestral território, uma África de matas, leões e girafas (12); seres que são ótimos para o esporte (13), para a música e para a dança; corpos carregados de sensualidade, aptos para o uso sexual, mas também corpos com inata força física e habilidade manual.

Apesar da enorme importância da crítica anti-essencialista de BHABHA (1998), não podemos escapar da observação acerca do devir concreto dos negros no Brasil (e mesmo em outros países do mundo), que nos indica a possibilidade de uso positivo do essencialismo, acrescentando ao enquadramento étnico, os símbolos coletados internacionalmente, no devir diaspórico das culturas negras

Para alguns segmentos dos negros, aproveitar este conjunto de estereótipos essencialistas e tomá-los como "qualidades da negritude" consiste numa possibilidade individual de ganho econômico que, no mínimo, pode substituir o emprego como entregador de refrigerantes ou faxineira.

## II. A COLUNA "BLACK" DA FOLHA DE SÃO PAULO

As indicações de SANSONE, acerca dos usos possíveis do essencialismo étnico, podem ser comprovadas com facilidade e abundância qualitativa se nos detivermos nos artigos da seção "Black", publicados no Jornal Folha de São Paulo, entre outubro de 1994 e dezembro de 1998.

Neste período selecionado, a seção "Black", sempre redigida por negros, tinha como objetivo divulgar trabalhos (em geral) de negros ou voltados para os negros, com expressão local ou nacional; divulgar um roteiro cultural vinculado com este público e simpatizantes; além de discutir temas de interesse dos negros e dar dicas de consumo para estes. Uma coluna prioritariamente voltada para jovens negros, mas também passível de interessar jovens em geral.

No período que estudamos, foram publicados 178 artigos, sempre aos domingos. Elaboramos uma divisão dos artigos por assunto, para verificarmos o percentual de aparecimento destes. É o que temos no quadro a seguir.

entanto, vai muito além destas poucas indicações aqui feitas. SANSONE (1995) acrescenta elementos importantes para pensarmos as várias classificações raciais existentes no Brasil, seus alcances e limites. Outra forma de definição possível consiste em tomar como ne-

**Tabela I – Assuntos da coluna “Black” (Jornal Folha de São Paulo) entre outubro de 1994 e dezembro de 1998, por percentual de aparecimento**

ASSUNTOS	%
Musica, boates de black music e carnaval	35,39
Moda, modelos, beleza e cosmética	16,85
Dança, teatro, cinema, TV e vídeo	10,67
Racismo, discriminação e movimento negro	7,86
Artes plásticas e fotografia	5,61
Saúde	4,49
Consumo negro, propaganda, e feiras	4,49
Outros	4,49
Livros e revistas	2,80
Gastronomia e bares	2,24
Centros culturais e clubes	1,68
Educação	1,12
Mulher negra	1,12
Religião	0,56
Internet	0,56

**FONTE: Jornal Folha de São Paulo, anos de 1994 a 1998.**

Como podemos visualizar, a coluna, “Black” é voltada de forma expressiva para atividades artísticas feitas por negros. Nos artigos que agrupamos em “musica, boates de ‘black music’ e carnaval”, o maior peso é da “música”, que aparece em 48 artigos (sobre casas de ‘black music’ temos 10 artigos e sobre carnaval 5).

Nestes 48 artigos sobre música negra alguns padrões podem ser detectados. De início vários artigos fazem referência à variável “periferia”. Ou seja, explicitam uma associação entre os negros ou a “cultura negra” e áreas periféricas que são problemáticas para os adolescentes.

É o caso da matéria “Ópera rap põe o pé na estrada” (FSP, 22/01/95), na qual o elenco da referida ópera, composto por adolescente entre 10 e 15 anos, é anunciado como saído das ruas da periferia de Sorocaba; mais do que isto, estes adolescentes estão “mostrando do que são capazes para além do submundo.”

Na matéria “Rock e rap vão dividir a praça” (FSP, 23/06/95), são anunciadas apresentações com “novas bandas da periferia” nas praças públicas da cidade de São Paulo. O “evento” é organizado pela Câmara de vereadores e prefeitura da cidade e pretende alcançar objetivos educativos através da distribuição de panfletos sobre drogas e AIDS. Na última linha a conclusão do autor: “Grupos de periferia lutam para passar uma imagem decente e mostrar que rock e rap não são sinônimos de violência”.

Em 27/07/97 é publicada a matéria “14 anos nas ruas” que se refere ao avanço do Hip Hop (14) da clandestinidade para a aceitação social. A matéria, ao final, transcreve uma fala de um participante de uma ONG vinculada à luta pelos direitos dos negros, que referindo-se ao Hip Hop afirma: “É o movimento mais politizado e pacifista da juventude negra, uma alternativa cultural das comunidades carentes.” Esta fala carrega dois traços interessantes; a tentativa de caracterizar uma forma de diversão de jovens negros como expressão política ou como forma de identificação étnica, e a direta associação entre negros e pobreza ou carência.

A matéria “Entre nesta festa” (FSP, 10/08/97) se refere ao espetáculo musical “Palco, Academia e Periferia”. O espetáculo faz uma mistura “artística, alegre e positiva que fala também da violência, das particularidades, do movimento e dos ritmos negros”, e é feito por “comunidades carentes”. Um dos idealizadores, o percussionista negro Naná Vasconcelos afirma ainda: “É um espetáculo forte porque dá oportunidade para as comunidades carentes emitirem suas opiniões e se sentirem úteis”. Mais uma vez a confusão entre negros e comunidades carentes é total.

“Hip Hop para pensar” de 14/09/97 divulga o “1.º Encontro de Cultura de Rua do ABC”, na cidade de Santo André, onde se apresentarão grupos de rap, DJs, grafiteiros e dançarinos de break. O evento é organizado pela prefeitura local e por uma ONG (Associação Cultural Negro e Atividade). A coluna black afirma que

o encontro é um importante momento para "mostrar os aspectos positivos da música, arte e dança black - muitas vezes consideradas expressões marginais"; e também para a "discussão dos problemas que rondam a periferia - em especial a comunidade negra e pobre." Mais uma vez o Hip Hop é lido por um ativista dos direitos dos negros como movimento de conotação política e coletiva: "É a forma que a periferia encontrou para se

sentir viva, reclamar, protestar e resgatar suas raízes." Afirmação de todo vazia, se perguntarmos de qual "raízes" está se falando ?

É um dado estatístico que as populações de áreas periféricas são em maioria negras. Podemos verificar isto tomando alguns indicadores de população por raça segundo o IBGE.

**Quadro 2 – População total por raça de unidades territoriais selecionadas em 1991**

	Raça						Total
	Branca	Preta	Amarela	Parda	Indígena	S/ Declar.	
Brasil	75.704.922	7.335.130	630.658	62.316.085	294.148	534.872	146.815.815
Est. do RJ	7.022.300	1.303.633	16.485	4.373.045	8.953	82.781	12.807.197
R. Metrop. do Rio de Janeiro	5.240.012	965.689	13.228	3.520.591	5.191	67.434	9.814.574
D. de Caxias	274.613	82.917	582	305.881	681	3.147	667.821
Itaguaí	52.605	11.972	501	47.743	58	178	113.057
Magé	75.879	28.944	307	85.683	63	858	191.734
Nilópolis	71.373	17.457	89	68.682	41	450	158.092
N. Iguaçú	531.789	170.966	545	584.413	871	9.120	1.297.704
S. João de Meriti	171.267	60.940	343	190.277	245	2.700	425.772
Total da B. Fluminense	1.177.526	373.196	2.367	1.282.679	1.959	16.453	2.854.180

**FONTE: IBGE - Censo Demográfico - 1991.**

No conjunto da população brasileira em 1990, os negros constituem 47,44%. Na Região Sudeste esta proporção é de 36,09%. No Estado do Rio de Janeiro atinge 44,32%. Na Região Metropolitana do Rio de Janeiro temos 45,71% de negros no total da população. No que tange à Baixada Fluminense (15), a presença de negros totaliza 58,01%.

Este peso acentuado da população negra nesta região não consiste em uma desproporção estatística, na medida que, nos seis municípios a população negra é superior numericamente à população branca (16). Com características especificamente periféricas, grande incidência de pobreza e violência urbana e composta por várias "cidades-dormitório", umas mais, outras menos industrializadas, a Baixada Fluminense constitui um exemplo da desigualdade racial em meio a um padrão de pobreza e espacialidade típicos das regiões metropolitanas.

Além das vários aspectos que impactam a qualidade de vida da população desta região, tais como grande distância dos mercados de trabalho mais dinâmicos da região, precariedade da estrutura de transportes, grande concentração de domicílios inadequados e com infraestrutura inexistente, a violência – típico efeito do abandono do Estado – consiste num elemento que se impõe com poder avassalador no cotidiano destas populações. Segundo dados do SUS, referentes ao ano de 1997, estes municípios que compõem a Baixada Fluminense se encontram entre os mais violentos do Estado do Rio de Janeiro no que tange à taxa de homicídios por 100.000 habitantes; numa escala que vai da taxa de 76,6 em Duque de Caxias a Magé com 59,1. Vale ressaltar que mesmo neste último município, a taxa de homicídios em 1997 foi maior que as dos tristemente famosos municípios violentos de São Paulo e Rio de Janeiro.

Portanto se é inegável como dado de realidade a presença de negros em maior quantidade que os bran-

cos nas áreas de periferia, o que apontamos é a associação que aparece na coluna "black" entre as manifestações culturais negras e estas áreas, como se a "cultura negra" fosse a representação clara destes locais, ou a única manifestação artística saída deles. A voz que fala da periferia para o centro seria então a voz negra. A voz dos carentes seria também a voz negra.

É interessante também observar que das 48 matérias sobre música negra, 10 se referem à música internacional; seja no sentido de World Music, seja no sentido de black music (definida na coluna "Black" de 29/11/98 como: "o gênero musical derivado da diáspora negra africana, como o blues, o samba, o soul, o funk e até o moderno drum & bass"). São matérias sobre grupos e cantores individuais, bem como sobre os CDs lançados. É igualmente interessante que haja somente 1 matéria sobre "pagode", que é um ritmo estritamente brasileiro, também muito associado aos negros.

Acreditamos que esta configuração de interesses, que se manifesta na coluna "Black", está diretamente ligada à constatação que aparece em GILROY (1995) e SANSONE (1995 e 1999) acerca da direta vinculação entre a cultura negra e a modernidade urbana ocidental. Cabe aqui um exemplo oriundo de minhas atividades de pesquisa e extensão universitária como docente da Universidade Federal Fluminense. Entre 1995 e 1998 trabalhei com comunidades remanescentes de quilombos na região dos rios Trombetas e Erepecuru, no município de Oriximiná-PA. Ao iniciar o trabalho esperava encontrar agrupamentos humanos com grande número de elementos culturais africanos preservados, como fósseis conservados em meio ao isolamento amazônico. Na verdade não encontrei nenhuma "tradição" cultura conservada *in vitro* após tantos anos de vida na floresta. O que vi foram comunidades totalmente cristãs no que tange às práticas religiosas (principalmente católicas, mas com presença já acentuada de seitas pentecostais), que, na festa anual do padroeiro da comunidade (sempre um "santo" da igreja católica), ouvem e dançam ritmos regionais como o brega e o forró. Sobrevivem através de formas produtivas absolutamente idênticas aos dos chamados "ribeirinhos" da Amazônia brasileira (pesca, caça e cultivo da mandioca, principalmente). Sem eletricidade, não assistem televisão e igualmente não têm acesso sistemático à cultura urbana moderna; estão portanto muito longe da noção de negritude que a coluna "Black" veicula.

Esta vinculação entre a cultura negra e a modernidade urbana ocidental se aprofunda com a globalização que, ao facilitar a velocidade das trocas internacionais de som e imagem, disponibiliza para os "produtores" da cultura negra uma miríade de possibilidades de recomposições, misturas, releituras, tradu-

ções, adaptações e mesmo plágios culturais. A "cultura negra" jovem, "de ponta", está muito mais associada ao trânsito internacional de ritmos e imagens étnicas (com as mais variadas origens: a América do Norte, a África ou a Jamaica) do que à retomada de tradições brasileiras, como o pagode enquanto releitura do samba. (17)

Duas matérias sobre música se referem a corais. Aqui a retomada étnica é clara. Em "Mais voz aos sons do globo" (FSP, 14/05/95) a coluna "Black" dá visibilidade ao "coral étnico Mawaka" formado só por mulheres negras, e lembra que o nome significa "cantoras em dialeto africano". Entre o repertório do coral está uma cantiga de ninar africana "Àllundé, Alluya". As músicas utilizam como instrumento musical de percussão o kalimba, que seria também "usado em países da África." Nesta matéria é interessante verificar como a tentativa de essencializar uma atividade musical toma como referência a "África" como realidade única, como se o continente somente tivesse um dialeto, o "dialeto africano".

A segunda matéria (de 10/11/96) é sobre os 26 anos da Comunidade Coral Luther King. Este, embora mais eclético que o coral citado no parágrafo acima, também não deixa de se referir à África. Canta músicas que vão do "barroco brasileiro e 'spirituals' norte-americanos às canções de tribos da África. O repertório inclui a canção 'N'Kosi Si Le Le Africa' - hino oficial da África do Sul. O fato de "não falar o zulu e outros dialetos africanos não é obstáculo."

A associação entre música negra / músicos negros e África aparece em mais 4 artigos. Dentre estes, em 29/06/97, a matéria "Sons além da imaginação" fala de um etnomusicólogo negro que conseguiu reunir instrumentos musicais de origem africana e "... resgatou instrumentos utilizados em manifestações religiosas, datas comemorativas de comunidades negras e mestiças." No fim da matéria, a opinião da coluna "Black" conclui pela "importância de preservar instrumentos musicais que mantêm viva uma etnia".

A idéia da "África como banco de símbolos" (SANSONE, 1995 e 1999) é bastante apropriada para compreendermos estas referências constantes ao continente originário.

O segundo maior percentual de assuntos que aparece na coluna "Black" é "Moda, modelos, beleza e cosmética". Especificamente sobre moda a referência à África é também recorrente.

Em "Cultura zulu faz moda paulistana" (FSP 26/02/95), a coluna "Black" apresenta um estilista (não identificado como negro ou branco) que viajou pela África, mais especificamente "por Soweto e Johannesburgo,

na África de Mandela, Sommer fez amigos, foi às tribos, participou dos rituais da tribo zulu. Constatou que é preciso passar um pouquinho disso para o Brasil, aplicando aqui cores e traços de um povo salvo por seu orgulho". A matéria termina com o sempre recorrente "Black is beautiful!"

A afirmação "O estilo africano toma força e já sobrevive como conceito por aqui.", está na primeira linha da matéria sobre uma estilista negra: "Além do pano na cabeça" (FSP, 05/11/95) a estilista traz em sua bagagem profissional o fato de ter vivido seis anos na África; a informação de em qual lugar da África parece não ser importante. A confecção tem o sugestivo nome de Awa Adesin ("respeito às raízes", em "dialeto africano" segundo a coluna "Black").

Em "Toque afro" (FSP, 04/05/97), a coluna fala de uma artista plástica (não identificada como negra ou branca) que antes de a África ter voltado a influenciar a moda, "já havia encontrado um meio de trabalhar e sobreviver com materiais que embelezam o corpo e mantêm vivos a arte e o espírito criativo daquele continente." Para finalizar a palavra da artista: "É uma arte de raízes que traz embutido o misticismo e alegria festiva da cultura negra"

Em "Moda afro em cena" (FSP, 19/06/98) a coluna "Black" divulga a criação da grife Afonjá, iniciativa de uma "rede black de salões de beleza do eixo Rio-São Paulo" de mesmo nome. A grife tem como público-alvo "negros e brancos que valorizem a cultura afro-brasileira", e produz roupas que se adequam e realçam a cor e a estrutura física do negro. Aqui, menos do que uma ida ao "banco de símbolos" africanos, chama nossa atenção um não muito discreto essencialismo físico.

Nas 26 matérias que classificamos em "Dança, teatro, cinema, TV e vídeo", a dança é predominante. Vejamos alguns exemplos interessantes.

Em "O valor da arte afro-brasileira" (FSP, 11/02/96) aparece a "Cia. Étnica de Dança e Teatro Experimental", criada e dirigida por uma negra com formação em direção de teatro e dança pela Universidade de Washington. A companhia é voltada exclusivamente para atores negros. Segundo a coluna "Black", o objetivo é "incentivar o intercâmbio global, valorizar o artista afro-brasileiro, formar profissionais das artes cênicas e conscientizar e integrar a população afro-brasileira".

O ritmo "afro-jazz" é anunciado na matéria "Do samba para o afro-jazz" (FSP, 31/03/96). O professor (não identificado como negro ou branco) aprendeu dança moderna e na Bahia aprendeu "a dança dos Orixás."

"Se você quer malhar, experimente a dança Afro!" É a alternativa anunciada na matéria "Mexe o corpo com ginga" (FSP, 30/06/96). O professor (também não identificado como negro ou branco) aprendeu a dança afro na "primeira companhia de dança negra contemporânea de São Paulo." Estas aulas de dança afro, porém se estendem pelo estudo da "história da dança afro primitiva, tradicional e contemporânea."

Em "Dança e história" (FSP, 29/03/98), a coluna "Black" se dedica ao "curso de danças e cantos afro-brasileiros do Sudeste". Para a preparação deste, o professor (não identificado como negro ou branco), "percorreu de terreiros de candomblé a escolas de samba e festas populares onde a presença do negro é marcante. E conseguiu resgatar algumas raízes."

As dificuldades dos modelos negros também aparecem em várias matérias. Nestas a tônica gira sempre em torno da pouca participação de modelos negros nos desfiles de moda, ou do baixo número de modelos negros nas agências importantes.

Na matéria "Gata preta em zinco 'gelado'" (FSP 17/10/94), é contada a história de uma modelo negra, carioca, com 21 anos que somente conseguiu espaço no Brasil depois de desfilarem na Europa e no Japão para grifes importantes do mundo fashion. A matéria, num tom otimista diz: "ainda vamos batizar uma agência de 'Black is Beautiful Top Models' ". Termina informando que a agência Elite tem três mulheres negras e dois homens negros; a Ford tem quatro mulheres negras e dois homens negros e a L'Equipe tem duas mulheres negras e dois homens negros, enquanto "no país, 70% da população é de origem negra." (18)

"Realçando a beleza negra" é o título da matéria (FSP, 03/11/96) sobre a criação de uma agência de books somente para modelos negros, onde os fotógrafos são também todos negros.

Em "Garimpando talentos" (FSP, 30/03/97), a coluna "Black" informa o nascimento de uma agência de modelos para "negros e pobres". Funcionando na periferia da cidade de São Paulo, já há um cadastro de 350 modelos para desfiles. Como afirma a empresária e modelo negra, de 22 anos: "Faltam oportunidades e condições financeiras e, por isso, a auto-estima geralmente está em baixa". Vemos aqui mais uma vez a associação direta entre negros e habitação em periferias urbanas.

"Black is beautiful". Título nada inovador para uma matéria sobre modelos negros (FSP, 22/02/98). Além de lamentar o não crescimento do número de negros nos desfiles (apesar de ser esta uma tendência internacional), são citados modelos que fizeram sucesso

no encerramento do evento Morumbi Fashion Brasil. Uma destas, com 28 anos e participando de seu primeiro desfile de peso em 16 anos de carreira diz: "Aqui, a modelo negra não é aproveitada muito mais pela falta de visão do mercado do que por preconceito. Tem muita gente boa que não está sendo vista. Será que eles acham que o negro não vende nem consome?"

Outra agência de modelos com clientela tipicamente negra é o alvo da matéria "Made in Brazil" (FSP, 15/03/98). Trata-se da agência New Company que possui 1.200 modelos cadastrados, "a maioria negros e mestiços." A ex-modelo e produtora responsável pela agência (não identificada como negra ou branca) informa ter também "uma filial ... em Weimar, na Alemanha, para administrar a carreira e cuidar da imagem das modelos negras na Europa."

Em "Consciência por baixo dos panos" (FSP, 30/08/98), a coluna "Black" comenta a presença crescente de modelos negros nas passarelas internacionais, desfilando para as mais caras e renomadas grifes e critica o fato de no Brasil isto não ocorrer: "No mercado internacional, os negros aparecem agora vendendo produtos luxuosos e disputados. A modelo negra sudanesa Alex Wek, por exemplo, é top da marca Joop! Mas isso ainda não se aplica por aqui. Uma pena, já que empresários, e até publicitários, continuam achando que relacionar negros a alguns produtos é perder a parte branca do mercado consumidor."

Estas matérias tocam num aspecto importante das relações raciais no Brasil. Apesar da leitura sensual que é feita da mulher negra, o modelo de beleza nacional ainda é a mulher branca e de preferência loira (ainda que a cor clara dos cabelos seja, sabidamente, artificial).

Nesta mesma direção encontramos interessantes matérias sobre feiras específicas para consumidores negros ou para venda de "produtos negros".

Assim, "Um mercado negro" (FSP, 21/04/96), anuncia a 1ª Fashion Black, um "mercado aberto voltado para a cultura negra". Para os organizadores, o evento pretende "a valorização e divulgação da cultura negra. Sentíamos falta de representantes negros nos outros mercados da cidade."

A matéria "QG da vaidade negra" (FSP, 07/12/97), fala da "Etnic 97", uma feira de moda, beleza e fitness para os consumidores negros, com mais de 150 expositores. Trata-se de um evento de grande porte no qual, em paralelo à Feira, acontecerão o 1º Salão Internacional de Cabeleiragens Afro Étnicas, o 1º Salão Internacional de Cosmetologia Afro Étnica e o 10º Congresso de Cosmetologia Capilar.

"Dia de passear na feira" (FSP, 05/07/98) é uma matéria que anuncia a edição 98 da Fashion Black. Para a organizadora do evento, de ano a ano melhora a participação do público e dos consumidores negros: "A autoestima negra agora está em alta". A partir disto, a organizadora acredita estar ajudando a formar "um mercado negro". No entanto, são aceitos expositores de qualquer raça, "desde que respeitem essa característica".

No que tange à "beleza" e "cosmética" encontramos 10 matérias; vejamos as mais interessantes.

Em "Beleza pede um toque de sutileza" (FSP, 12/03/95) a coluna "Black" dá inúmeras "dicas" de maquiagem para mulheres negras, e termina com a nada inovadora fórmula que tantas vezes aparece nos 178 artigos usados para a composição deste nosso trabalho: "Black is beautiful!"

"Beleza negra em alta" (FSP, 12/05/96) convida o público para o "Encontro de Beleza Negra" onde serão apresentadas "novidades sobre cosméticos para negros".

Em "Vai uma trança aí?" (FSP, 03/08/97), a coluna "Black" divulga o trabalho de uma cabeleireira negra de 21 anos, especializada em tranças de dreadlocks. A cabeleireira que modela cabelos lisos ou crespos fala: "Além dos negros, os brancos estão fazendo tranças e dreads. É maravilhoso. Tenho orgulho de senti-los vivendo um momento black". Um dos requisitos que a coluna aponta ser necessário para fazer um penteado deste tipo remete, diretamente, ao contexto da modernidade globalizada: "mente aberta para as novidades."

A matéria "Crescimento maquiado" (FSP, 04/10/98) reclama da pouca variedade de produtos de cosmética para negros. Segundo a matéria, ao contrário do que ocorre nos Estados Unidos, aqui "o empresariado demonstra grande receio em assumir um mercado claramente segmentado", e os profissionais de publicidade preferem a imagem das mulatas que contemplam necessidades das negras e das brancas sem cabelos lisos.

No campo da fotografia, encontramos algumas matérias que apontam para o tema deste trabalho.

Em "Retratando as raízes" (FSP, 13/04/97) a coluna "Black" anuncia a inauguração de uma exposição de fotografias de dois nigerianos. As fotos seriam "um dicionário ímpar da cultura negra". Um dos fotógrafos, Rotimi Fani-Kayode que morreu em 1989, "registra um universo sensual, místico, com símbolos africanos." Já o outro, Seydou Kheita, retrata uma realidade amena e fundamen-

tal para o entendimento das raízes negras. São 45 fotos em P&B que lançam um olhar sem artifícios para homens e mulheres de sua aldeia."

"Você conhece a África?" (FSP, 01/11/98) anuncia o início da exposição "Antologia da Fotografia Africana". As fotos seriam "registros que contam hábitos, costumes, passagens conflituosas ..., mostram o cotidiano e também enfocam a riqueza e a nobreza africanas." A exposição tem ainda fotografias de autoria de brasileiros, franceses, cubanos, americanos e canadenses "que registraram a diáspora negra pelo mundo nas últimas décadas."

No campo das artes plásticas, duas matérias se destacam.

A primeira é "Questão de pele" (FSP, 17/05/98), onde é anunciada a primeira exposição de um fotógrafo brasileiro (não identificado como negro ou branco) que "estuda as formas e a textura do corpo negro." O fotógrafo diz que pretende "estar dando sua contribuição para que a estética negra seja melhor valorizada e o preconceito seja visto com outros olhos... Negro é arte!"

A segunda é "Tirando a máscara" (FSP, 24/05/98), que também anuncia uma exposição de variadas peças (máscaras, lanças e instrumentos agrários"), comprados em tribos africanas do Gabão, Costa do Marfim, Mali e Congo. Segundo a coluna "Black", as peças "preservam a riqueza e o conteúdo simbolista místico, cultural, ritualístico e artístico da população".

Os artigos sobre saúde estão principalmente em dois blocos: saúde da pele e saúde psicológica. Há no entanto uma matéria que se refere à "doenças étnicas". Com o título "Negro e saúde" (FSP, 20/07/97), a coluna "Black" pretende divulgar o trabalho da ONG "Fala Preta", que mantém um serviço de orientação psicológica e tratamento de saúde para negros. A matéria afirma que saber quais são as "debilidades e propensões a doenças da sua etnia pode se tornar uma questão de vida ou morte"; e ainda que há problemas que ocorrem com frequência entre a população negra porque são resultado de "agravantes sociais (miséria, analfabetismo) aos quais a população negra – por viver majoritariamente numa faixa de pobreza – está mais exposta. Aids e uso de drogas se enquadram nesse item."

"À flor da pele" (FSP, 24/08/97) é a matéria que afirma que "a genética explica as diferenças. Por fora, certos problemas se manifestam à flor da pele... negra." A partir daí são dadas informações sobre como o negro pode, através do conhecimento "das particularidades da sua etnia", prevenir e resolver problemas de pele que lhes são comuns.

Já em "Ler para aprender" (FSP, 07/06/98) a coluna "Black" divulga a chegada ao Brasil (via importação e distribuição feita pelo laboratório Bristol-Myers Squibb Brasil) do "Dermatological Atlas of Black Skin", escrito, pelos americanos Joyce Connolly e Joseph Birowski e recomendado para uso médico. O livro contém "fotos e textos sobre doenças que acometem os negros."

Dentre as 8 matérias sobre saúde do negro, 3 são referentes à saúde psicológica. Todas se referem a serviços de psicologia privados, voltados para negros.

Uma destas instituições é a Amma (FSP – 23/07/97; segundo a coluna "Black", este é o nome, "em africano", da entidade "responsável pelo sopro da criação, o início de tudo"), que aparece na matéria "Psicologia do Anti-racismo". As psicólogas negras que atuam nesta instituição afirmam: "o preconceito, o racismo e a opressão afetam a auto-estima, fragilizam o ser, dificultam a sociabilização e causam doenças somáticas como a hipertensão."

"Em busca do ego perdido" (FSP, 07/09/97) também faz propaganda de uma clínica de psicologia para negros. A coluna "Black" diz que a psicóloga responsável pelo trabalho já descobriu que problemas como violência, alcoolismo, uso de drogas e outros podem ser decorrentes de "fatores como a falta de auto-estima e o conhecimento das suas raízes." A psicóloga responsável (não identificada como negra ou branca) diz ainda que as crianças negras são passíveis de problemas porque: "têm um bombardeio da cultura branca, mas são completamente diferentes. No caso da família negra, por exemplo, é comum haver uma inversão de papéis. O homem se desvaloriza, a mulher trabalha fora e ainda assume o comando da casa e da família. Os filhos crescem sem nenhuma orientação sobre sua etnia."

Na matéria "Férias produtivas" (FSP, 11/10/98), a coluna "Black" afirma que a ascensão social do negro é acompanhada de um isolamento de "suas raízes, de seu meio e de sua identidade culturais." Esta constatação levou duas psicólogas (não identificadas como negras ou brancas) a montar projetos voltados para crianças e adolescentes negros. Segundo a psicóloga responsável, há um conjunto de dados históricos que contribuem "para que o negro tenha um espírito gregário acentuado, com o forte contato com a natureza e a escravidão – que fez os negros desenvolverem um sentido de união muito maior no Brasil."

O essencialismo presente nestas matérias sobre opções de tratamento psicológico para negros é inequivocamente visível.

Dois revistas são divulgadas pela coluna "Black".

Uma delas na matéria "Negritude em revista" (FSP, 08/09/96). Trata-se aqui da "Raça Brasil" - uma revista mensal, da editora Símbolo, sobre a cultura black." O objetivo desta, nas palavras de um dos editores, é produzir uma publicidade dirigida para os negros, com produtos específicos, ao lado de reportagens informativas e variadas sobre "comportamento, moda, turismo, música, culinária e beleza."

Em "Quem te viu, quem te vê" (FSP, 25/05/97), encontramos uma matéria que fala do avanço dos negros na mídia internacional e reflete a ausência destes na mídia nacional. No corpo da matéria encontramos a divulgação da revista "Agito Geral" (editora Dipreto), que empreende uma campanha contra as marcas comerciais que não usam negros em suas propagandas. Nesta revista, há em todos os números o anúncio: "Cruze os braços contra a discriminação na publicidade. Não use nada na qual você não veja seu rosto". O editor justifica a campanha afirmando: "É uma questão de postura. Estamos incluídos em um padrão que não é o nosso. Agressivo é fechar os olhos e perpetuar o que sempre aconteceu."

Há somente duas matérias sobre educação. A primeira é "Educação para homens livres" (FSP, 06/07/97) que divulga o trabalho de um curso de línguas (inglês, francês e espanhol), criada por dois negros, que pretendem fundar uma "universidade negra". Por enquanto, os cursos de língua têm preço muito abaixo do mercado e os alunos recebem também ensinamentos de história e geografia através, de "professores vindos de Cuba, Burkina Faso e São Tomé."

Na segunda "Antes da universidade" (FSP, 26/04/98), a coluna "Black" discute a irrisória presença dos negros no ensino superior, para divulgar um curso pré-vestibular para "negros e carentes" criado por uma ONG em parceria com "profissionais da USP".

Sempre próximo ao "dia das crianças" (12/10), duas matérias interessantes se dedicam a brinquedos infantis. Em "O charme da Barbie negra" (FSP, 08/10/95), a coluna "Black" afirma já estar à venda no mercado de São Paulo a versão black da boneca Barbie. A importadora de brinquedos que faz a distribuição trouxe dos Estados Unidos dois modelos, "a queniana, que vem vestida a caráter, e a mágica, uma Barbie bebê de fibra maleável que fecha os olhos quando se molha seu rosto." Também estão sendo vendidos o que a matéria chama de "bonecos étnicos 'made in Brazil'".

"Auto-estima em forma de brinquedo" (FSP, 12/10/97) fala de bonecas negras que podem dar às crianças "um pouco mais de referências da cultura black." Segundo a criadora destas bonecas (não identificada

como negra ou branca): "É importante para a criança negra se identificar com a boneca. Ela passa a melhorar a auto-estima".

Uma interessante matéria é "www.negro?" (FSP, 25/10/98), onde aparece a discussão do racismo na Internet. A matéria faz referência a texto publicado na revista norte-americana "Business Week", que afirma as grandes possibilidades de negócios que a internet dá a negros que, por não serem identificados naquele meio conseguem vender melhor seus produtos, fugindo da discriminação racial. Para além deste aspecto positivo, a matéria afirma que no Brasil algumas pessoas se escondem na rede, e só revelam a negritude em último caso. "Começar a assumir a sua raça navegando é um espaço importante para o fortalecimento de sua cidadania." A coluna propõe que os leitores façam um teste: "...da próxima vez em que se conectar na Internet, assumo a sua negritude ou finja ser negro para saber como anda essa questão racial no cyberspaço".

Das 14 matérias que agrupamos no item "Racismo, discriminação e movimento negro" (que representa 7,86% das 178 matérias), somente 3 se dedicam a denunciar ou discutir os problemas dos negros no mercado de trabalho.

Na matéria "Cartaz sindical antidiscriminação" (FSP, 28/05/95), a coluna "Black" informa que na próxima Convenção da Organização Internacional do Trabalho (OIT) uma comissão abordará o não cumprimento no Brasil da Convenção 111, de 1964, que versa sobre "racismo no mercado de trabalho". Afirma ainda que um "... grande problema brasileiro é que negros têm menores oportunidades de cargos e salários, mesmo exercendo funções idênticas às dos brancos."

"Bê-a-bá contra a discriminação" (FSP, 17/11/96) começa com a pergunta: "Você conhece a diferença entre racismo, discriminação e preconceito racial?" Isto para divulgar o lançamento da "Cartilha Anti-Racista da Comissão Sindical Classista". O diretor do Sindicato dos Metroviários (que possui uma secretaria para monitorar a discriminação racial no trabalho) diz que: "Aqui o racismo é mais desumano porque é muito escamoteado".

Sob o título "O fim da 'boa aparência'" (FSP, 18/01/98) a coluna "Black" informa a aprovação pela Câmara Municipal de São Paulo, da Lei nº 12.562 do projeto 906/97, de autoria de um vereador (não identificado como negro ou branco) do Partido dos Trabalhadores. A Lei proíbe o uso da expressão "boa aparência" nos anúncios de recrutamento, concurso e seleção de pessoal em empresas públicas, privadas ou mistas, firmas individuais, entidades beneficentes, fundações e pessoas físicas." O uso do termo "boa aparên-

cia”, segundo a matéria, constituía uma “uma técnica racista” que impedia que profissionais negros qualificados (ou não) participassem de várias seleções para ocupação de vagas e postos de trabalho. “Quando não era dita às claras, deixava subentendido, entre outras coisas, que ‘boa aparência’ significava não ser negro.”

### III. CONCLUSÃO

Em resumo, no conjunto das 178 matérias da coluna “Black” que foram pesquisados para este trabalho, a grande maioria versava sobre aspectos de uma “cultura negra” que retomava constantemente o essencialismo e mesmo o afro-centrismo. (19)

Se dividirmos as matérias a partir de uma classificação algo aleatório entre os temas “lazer, beleza e cultura” (que flutuam no campo do lúdico na vida do negro) e “racismo, saúde e educação” (que flutuam no campo mais “sério” da vida dos negros) veremos que na primeira classificação estão 81,05% das matérias, enquanto 14,79% estão na segunda classificação (dos 4,49% que classificamos inicialmente em “outros”, a grande maioria aborda temas mais próximos da classificação “lúdica”).

Para terminar, e com a pretensão de ilustrar parte das questões aqui discutidas, lanço mão de uma narrativa. Ontem, 18 de dezembro de 1999 fui a uma “Feira de Moda, Cultura e Lazer” (20), para consumo da classe média alta em diante, num clube da Barra da Tijuca (na cidade do Rio de Janeiro – RJ) onde – por acaso – residio. Na praça de alimentação do evento estava se apresentando um grupo de streetdance – o “New Black Dance”. Todos os nove dançarinos eram negros. Do lado de fora do palco haviam mais quatro negros. Dois faxineiros que limpavam entre as mesas, um segurança que não estava prestando muita atenção ao show, e eu (contrariando as estatísticas como dizem os Racionais MCs), no meio de uma platéia de mais ou menos 50 brancos.

### IV. REFERÊNCIAS

(1) O estereótipo pressupõe a “fantasia” de uma “origem pura, não-diferenciada.” (BHABHA, 1998: 125).

(2) Estamos chamando de negros o que na classificação do IBGE aparecem como “pretos” e “pardos”, posto que ambos os grupos apresentam nos estudos até agora realizados um quadro muito semelhante de vulnerabilidade sócio-econômica. Assim, seguindo as indicações de ANDREWS (1998), podemos afirmar que, embora desde os tempos coloniais haja na sociedade brasileira uma classificação (no senso comum, nos dis-

ursos políticos e mesmo nos discursos acadêmicos) que separa “pretos” e “pardos” (ou mulatos), os censos demográficos desde 1940 e as PNADs a partir da década de 1970 demonstram que os “pardos” apresentam níveis sócio-econômicos pouco melhores que os negros, porém muito mais próximos destes do que dos brancos. Neste sentido, as distinções históricas de longa duração no Brasil entre pretos e pardos encobriram as semelhanças de posições sociais e econômicas e de dificuldades de ascensão social existentes entre os dois grupos. Vários autores que estudam a questão racial no Brasil fazem a mesma opção de agregação de “pretos” e “pardos” na categoria mais geral de “negros; por exemplo: OLIVEIRA et al (1985), LOVELL (1991), HASENBALG e SILVA (1988). Esta discussão, no entanto, vai muito além destas poucas indicações aqui feitas. SANSONE (1995) acrescenta elementos importantes para pensarmos as várias classificações raciais existentes no Brasil, seus alcances e limites. Outra forma de definição possível consiste em tomar como negros aqueles que em um determinado contexto se vejam ou sejam vistos por outras pessoas como africanos ou descendentes destes (SANSONE, 1999).

(3) A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio é um levantamento realizado anualmente pela Fundação IBGE, que se baseia em uma amostra de probabilidade, que atinge via de regra algo próximo de 120.000 domicílios (sempre excetuando as zonas rurais do Norte e do Centro Oeste).

(4) SANSONE (1992, 1993, 1995 e 1999).

(5) A noção de Black Atlantic, que aparece em GILROY (1995), pretende expressar as questões que circundam a lógica e o desenvolvimento cultural da “diáspora”. Este autor se coloca no campo oposto da busca das raízes africanas que perdurariam nas culturas negras espalhadas pelo mundo. GILROY (1995) não se preocupa, portanto, com a descoberta de tradições negras autênticas entre os negros, mas sim com o mapeamento dos fluxos culturais que se interpenetram e se interconectam no Atlântico Negro.

(6) Vale lembrar que Ernest Renan, autor de fins do século XIX, tem sido apropriado com relativa constância nas discussões contemporâneas sobre nação e nacionalismo. Seu texto clássico “What is a nation?” foi republicado em uma coletânea organizada por BHABHA (1990).

(7) BOURDIEU (1998), discutindo as escolas públicas de áreas periféricas na França, aborda esta questão e afirma que a escola possui a capacidade de criar expectativas para alunos pobres que não será capaz de realizar. Como afirma: “Os alunos ... de famílias pobres

têm todas as probabilidades de conseguir, no final de uma longa escolaridade, muitas vezes paga com grande sacrifícios, nada mais do que um diploma muito desvalorizado". Assim, estes alunos pobres seriam os "excluídos com prazo marcado" (BOURDIEU, 1998: 483-484).

(8) Conforme aparecem – como alegoria – nos painéis do metrô do Rio de Janeiro, citados no início deste texto.

(9) No sentido de ANDERSON (1989).

(10) Devemos lembrar que a reestruturação produtiva do capitalismo que chega ao Brasil nos anos 1990 tem como uma de suas características a destruição dos postos de trabalho desqualificados ou mesmo manuais qualificados; ambos nichos do mercado de trabalho onde os negros sempre estiveram super-representados.

(11) Apesar do inegável crescimento de uma classe média negra nas últimas duas décadas, este segmento é ainda ínfimo se comparado aos negros situados nas camadas mais pauperizadas dos trabalhadores (ou definitivamente excluídos do trabalho) no Brasil.

(12) Vale aqui lembrar uma das componentes do anedotário brasileiro sobre os negros, que em linhas gerais diz que estes têm o "pé largo" pelo fato de terem tantas vezes fugido de leões na África.

(13) O cineasta negro norte-americano Spike Lee divulgou internacionalmente a expressão de duplo sentido, mas *a priori* referida ao basquete (esporte com esmagador domínio negro nos Estados Unidos): "homens brancos não sabem enterrar."

(14) O Hip Hop não é somente uma fórmula musical. Nascido nos Estados Unidos, contém em seu interior um ritmo específico que é o rap (rhythm and poetry), formas de dança (principalmente o Break e o Streetdance) e um tipo alternativo de artes plásticas (o grafite – inscrições e desenhos feitos em paredes e muros de espaços públicos e mesmo de espaços privados como fachadas de casas e edifícios).

(15) Mais especificamente estamos nos referindo aos municípios que faziam parte desta região em 1991, pois, no decorrer dos anos 90, vários distritos destes se separaram e passaram ao status administrativo de municípios.

(16) Em nossas pesquisas acerca da distribuição da população negra no Estado do Rio de Janeiro, além da baixada fluminense dois outros municípios da Região Metropolitana do Rio de Janeiro tem nos chamado a atenção: São Gonçalo e Itaboraí. Ambos, apresentam enorme

aumento de população entre 1980 e 1991. Em São Gonçalo o crescimento total é de 26,72% e em Itaboraí é 42,08%. Neste crescimento total, o peso da população negra é muito grande: cresce 59,17% em S. Gonçalo e 61,24% em Itaboraí (enquanto os brancos aumentam em 5,57% no primeiro e 20,98% no segundo). Assim, em 1991, em Niterói (cidade apontada na mídia como a que possui a melhor qualidade de vida no Estado do Rio de Janeiro) a proporção de negros é de 30,58%. Vizinha a Niterói e por muitos anos a clássica área de expansão urbana desta, São Gonçalo possui uma população negra de 49,47%. E Itaboraí que se situa geograficamente logo depois de São Gonçalo e se transformou em "área de expansão II" de Niterói, tem um total de 59,76% de negros em sua população.

(17) Muito embora vários destes grupos de pagode atuem como se estivessem no "Jogo do carona" e se auto-nomeiem de forma notadamente étnica, como por exemplo: "Raça Negra", "Negritude Jr.", "Raça Pura" e "Só Preto sem Preconceito". Para além disto, porém, ainda que músicos negros predominem também no pagode, o figurino utilizado em nada se associa à uma aproximação com a África (como faz o afoxé Olodum, por exemplo), ou com os negros norte americanos (como fazem os grupos de rap em geral).

(18) Um exagero retórico que não desfaz a verdade inequívoca do argumento.

(19) Embora a questão da discriminação racial e das relações raciais no Brasil aparecerem com muita constância, mesmo que de forma tangencial.

(20) Estas chamadas "Feiras Hype" foram um grande sucesso nos bairros de classe média alta e alta na cidade do Rio de Janeiro em 1999.

## V. BIBLIOGRAFIA

ANDERSON, Benedict. *Nação e Consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1989.

ANDREWS, George R. *Negros e Brancos em São Paulo*. Baurx: EDUSC, 1998.

BHABHA, Homi K. *Nation and narration*. London: Routledge, 1990.

BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BOURDIEU, Pierre. *A Miséria do Mundo*. Petrópolis: Vozes, 1998.

GILROY, Paul. *The Black Atlantic: modernity and double*

- consciousness*. Cambridge: Harvard University, 1995.
- HASENBALG, Carlos e SILVA, Nelson do Valle. *Estrutura Social, Mobilidade e Raça*. Rio de Janeiro: IUPERJ/Vértice, 1988.
- JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO, anos de 1994, 1995, 1996, 1997 e 1998.
- LOVELL, Peggy. *Desigualdade Racial no Brasil Contemporâneo*. Belo Horizonte: UFMG / CEDEPLAR, 1991.
- LOVELL, Peggy. "Raça e gênero no Brasil." *Lua Nova - Revista de Cultura e Política*. CEDEC, nº 35, 1995.
- OLIVEIRA, Jane et al. "Mudanças no perfil de trabalho e rendimento no Brasil." In: IBGE. *Indicadores Sociais - uma análise da década de 1980*. Rio de Janeiro, IBGE, 1995.
- OLIVEIRA, Lucia Helena G. de et al. *O Lugar do Negro na Força de Trabalho*. Rio de Janeiro: IBGE, 1985.
- PIERUCCI, Antonio F. *Ciladas da Diferença*. São Paulo: Editora 34, 1999.
- RENAN, Ernest. "What is a nation?" In: BHABHA, Homi K. *Nation and narration*. London: Routledge, 1990.
- SANSONE, Lívio. "A produção de uma cultura negra (da cultura 'creole, à subcultura negra. A nova etnicidade negra dos jovens 'creoles' surinameses de classe baixa em amsterdam)". *Estudos Afro-Asiáticos*, nº 20, junho de 1991.
- SANSONE, Lívio. "Cor, classe e modernidade em duas áreas da Bahia (algumas primeiras impressões)". *Estudos Afro-Asiáticos*, nº 23, dezembro de 1992.
- SANSONE, Lívio. "Pai preto, filho negro: trabalho, cor e diferenças de geração." *Estudos Afro-Asiáticos*, nº 25, dezembro 1993.
- SANSONE, Lívio. "O local e o global na afro-Bahia contemporânea". ANPOCS, *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, nº 29, outubro de 1995.
- SANSONE, Lívio. "A internacionalização da cultura negra: uma comparação entre Salvador e Amsterdam". *Novos Estudos CEBRAP*, nº 55, 1999.
- SANT'ANNA, Wânia e PAIXÃO, Marcelo. "Desenvolvimento humano e população afro-descendente no Brasil: uma questão de raça." *Proposta*, nº 73, junho/ agosto de 1997.

## NORMAS GERAIS PARA A PUBLICAÇÃO DE TRABALHOS REVISTA UNIVAP

A **Revista UniVap** é uma publicação de divulgação científica da **Universidade do Vale do Paraíba (UNIVAP)**, que procura cumprir com a sua tríplice missão de ensino, pesquisa e extensão. Assim, a pesquisa na UNIVAP tem, dentre suas funções, a de formar elites intelectuais, sem as quais não há progresso. Esta publicação incentiva as pesquisas e procura o envolvimento de seus professores e alunos em pesquisas e cogitações de interesse social, educacional, científico ou tecnológico. Aceita artigos originais, não publicados anteriormente, de seus docentes, discentes, bem como de autores da comunidade científica nacional e internacional. Publica artigos, notas científicas, relatos de pesquisa, estudos teóricos, relatos de experiência profissional, revisões de literatura, resenhas, nas diversas áreas do conhecimento científico, sempre a critério de sua Comissão Editorial e de acordo com o formato dos artigos aqui publicados. Solicita-se observar as instruções a seguir para o preparo dos trabalhos.

**1. Os originais** devem ser apresentados em papel branco de boa qualidade, no formato A-4 (21,0cm x 29,7cm) e encaminhados completos, definitivamente revisados, com no máximo 15 páginas, digitadas em espaço 1,5 entre as linhas, com duas colunas. Recomenda-se o uso de caracteres Times New Roman, tamanho 12, em 3 vias, acompanhadas de disquete (de 3,5"), de computador padrão IBM PC, com gravação do texto no Programa Word for Windows e, se possível, enviar o Artigo pelo e-mail [texjr@univap.br](mailto:texjr@univap.br). Somente em casos muito especiais serão aceitos trabalhos com mais de 15 páginas. Os títulos das seções devem ser em maiúsculas, numerados seqüencialmente, destacados com negrito. Não se recomenda subdivisões excessivas dos títulos das Seções.

**2. Língua.** Os artigos deverão ser escritos preferencialmente em Português, aceitando-se também textos em Inglês e Espanhol. No caso do uso das línguas Portuguesa e Espanhola, deverá ser anexado um resumo em Português (ou Espanhol) e em Inglês (Abstract).

### **3. Os trabalhos devem obedecer à seguinte ordem:**

- **Título** (e subtítulo, se houver). Deve estar de acordo com o conteúdo do trabalho, conforme os artigos aqui apresentados.

- **Autor(es)**. Logo abaixo do título, apresentar nome(s) do(s) autor(es) por extenso, sem abreviaturas. Com asterisco, colocado logo após o nome completo do autor ou autores, remeter a uma nota de rodapé relativa às informações referentes às instituições a que pertence(m) e às qualificações, títulos, cargos ou outros atributos.

- **Resumo.** Com no máximo 500 palavras, o resumo deve apresentar o que foi feito e estudado, seu objetivo, como foi feito (metodologia), apresentando os resultados, conclusões ou reflexões sobre o tema, de modo que o leitor possa avaliar o conteúdo do texto.

- **Abstract.** Versão do resumo para a língua Inglesa. Caso o trabalho seja escrito em Inglês, o Abstract deverá ser traduzido para o Português (Resumo).

- **Palavras-chave (Key words).** Apresentar de duas a cinco palavras-chave sobre o tema.

- **Texto.** Deve ser distribuído de acordo com as características próprias de cada trabalho. Um trabalho pode, por exemplo, ter uma Introdução, um Desenvolvimento, Considerações Finais e Referências Bibliográficas. De um modo geral, contém: a) Introdução, b) Material e Métodos, c) Apresentação e Análise dos Dados d) Resultados, e) Discussão f) Conclusões, Recomendações ou Considerações Finais, g) Agradecimentos (quando necessário), h) Referências Bibliográficas.

- **Citações dentro do texto.** As citações textuais longas (mais de três linhas) devem constituir um parágrafo independente. As menções a autores no decorrer do texto devem subordinar-se ao esquema sobrenome do autor, data (Novo, 1989, p.20). Se as idéias dos autores forem apresentadas de modo interpretado e resumido, portanto não sendo "textuais", devem trazer apenas o sobrenome do autor e a data. Ex.: Segundo Pedro Demo (1991), nenhum texto diz tudo. As linhas não dizem tudo. As entrelinhas muitas vezes dizem mais. Caso o nome do autor já estiver no texto, indica-se apenas a data entre parênteses. Ex.: Segundo dados do SEBRAE (1993), o grupo de áreas destinadas às lavouras temporárias ficava em torno de 7% do total das terras. Se a citação for textual, deve-se adicionar o número da página. Ex.: Segundo Jaime Lerner (1992, p.20), "A cidade ambientalmente correta evita a industrialização forçada, rejeita as indústrias poluentes...".

- **Refêrencias Bibliográficas.** Elas devem ser apresentadas no final do trabalho, em ordem alfabética de sobrenome do(s) autor(es), como nos seguintes exemplos:

a) **Livro:** SOBRENOME, Nome. Título da obra. Local de publicação: Editora, data. Exemplo:

PÉCORA, Alcir. *Problemas de redação*. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

b) **Capítulo de livro:** SOBRENOME, Nome. Título do capítulo. In: SOBRENOME, Nome (org.). Título do livro. Local de publicação: Editora, data. Página inicial-final. Exemplo: LACOSTE, Yves.

Liquidar a geografia... liquidar a idéia nacional? In: VESENTIN, José William (org.). *Geografia e ensino: textos críticos*. Campinas: Papirus, 1989. p.31-82.

c) **Artigo de periódico:** SOBRENOME, Nome. Título do artigo. *Título do periódico*, local de publicação, volume do periódico, número do fascículo, página inicial-página final, mês(es). Ano. Exemplo: ALMEIDA JÚNIOR, Mário. A economia brasileira. *Revista Brasileira de Economia*, São Paulo, v. 11, n.1, p. 26-28, jan./fev. 1995.

d) **Dissertações e Teses:** SOBRENOME, Nome. *Título da dissertação (ou tese)*. Local. Número de páginas (Categoria, grau e área de concentração). Instituição em que foi defendida. data. Exemplo:

CECCATO, Vania. *Proposta metodológica para avaliação da qualidade de vida urbana a partir de dados convencionais de sensoriamento remoto. Sistema de Informações Geográficas e banco de dados georrelacionais*. São José dos Campos, 140 p. (INPE-5457-TDI/499). Dissertação (Mestrado em Sensoriamento Remoto) - Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, 1992.

e) **Outros casos:** Consultar as Normas da ABNT para Referências Bibliográficas.

4. As **figuras** (desenhos, gráficos, ilustrações, fotos) e **tabelas** devem apresentar boa qualidade e serem acompanhados de legendas breves e claras. Indicar no verso das ilustrações, escritos a lápis, o sentido da figura, o nome do autor e o título abreviado do trabalho. As figuras devem ser numeradas seqüencialmente com números arábicos e iniciadas pelo termo Fig., devendo ficar na parte inferior da figura. Exemplo: Fig. 4 - Gráfico de controle de custo. No caso das tabelas, elas também devem ser numeradas seqüencialmente, com números arábicos, e colocadas na parte superior da tabela. Exemplo: Tabela 5 - Cronograma da Pesquisa. As figuras e tabelas devem ser impressas juntamente com o original e quando geradas no computador deverão estar gravadas no mesmo arquivo do texto original. No caso de fotografias, desenho artístico, mapas etc., estes devem ser de boa qualidade e em preto e branco.

5. O **encaminhamento do original** para publicação deve ser feito acompanhado do disquete e com a indica-

ção do software e versão usada.

6. O **Corpo Editorial** avaliará sobre a conveniência ou não da publicação do trabalho enviado, bem como poderá indicar correções ou sugerir modificações. A cada edição, o Corpo Editorial selecionará, dentre os trabalhos considerados favoráveis para publicação, aqueles que serão publicados imediatamente. Os não selecionados serão novamente apreciados na ocasião das edições seguintes.

7. Os **conteúdos e os pontos de vista** expressos nos textos são de responsabilidade de seus autores e não apresentam necessariamente as posições do Corpo Editorial da **Revista UniVap**.

8. **Originais.** A Revista não devolverá os originais dos trabalhos e remeterá, gratuitamente, a seus autores, dez exemplares do número em que forem publicados.

9. O **Corpo Editorial** se reserva o direito de introduzir alterações nos originais, com o objetivo de manter a homogeneidade e a qualidade da publicação, respeitando, porém, o estilo e a opinião dos autores.

10. **Endereços.** Deverá ser enviado o endereço completo de um dos autores para correspondência. Os trabalhos deverão ser enviados para:

UNIVERSIDADE DO VALE DO PARAÍBA - UNIVAP  
PRÓ-REITORIA DE INTEGRAÇÃO  
UNIVERSIDADE/SOCIEDADE

Conselho Editorial da Revista UniVap  
Av. Shishima Hifumi, 2.911 - Bairro Urbanova  
CEP 12244-000 - São José dos Campos - SP  
Telefone: 347-1000 - Ramal 2010  
Fax (012) 349-1334  
E-mail: texjr@univap.br



UNIVERSIDADE DO VALE DO PARAÍBA  
São José dos Campos - SP

Av. Engenheiro Milton de Almeida, 1750 - Jd. São João do Arroyo - São José dos Campos - SP  
Tel.: (013) 3091-1000 - Fax: (013) 3091-1001